



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
MARALENE ARAÚJO E SILVA

MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA
TRANSFORMADORA NA UTILIZAÇÃO DA TV E DO
VÍDEO NA PRÁTICA DOCENTE PEDAGÓGICA

MACAPÁ-AP
2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
MARALENE ARAÚJO E SILVA

MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA TRANSFORMADORA NA UTILIZAÇÃO DA TV E DO VÍDEO NA PRÁTICA DOCENTE PEDAGÓGICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Mídias na Educação.

Orientadora: Professora Esp. Eusébia Santa Rosa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Mídias na Educação

Título do Trabalho: Mídias na educação: uma proposta transformadora na utilização da tv e do vídeo na prática docente pedagógica.

Autora: Maralene Araújo e Silva

Defesa em: ____/____/____

Conceito obtido: _____

Banca Examinadora

Prof^a. Esp. Eusébia Santa Rosa

Prof. Msc. Pedro Alexandre Nery
Prestes

Prof^a. Msc. Ana Cristina Soares

À Deus, por ter a certeza de que Ele esteve presente em todos os momentos dessa jornada. Aos meus pais Juraci e Maria (in memoriam) que continuam sendo minha maior fonte de força e perseverança.

A Deus.

Ao meu esposo Cristiano dos Anjos que de modo especial me deu força e incentivo, me apoiando nos momentos de dificuldades.

A minha filha Gabrielly dos Anjos que mesmo sem entender aceitou minha ausência tornando-se minha fonte inspiradora para chegar a conclusão deste trabalho.

A minha orientadora Eusébia Santa Rosa, pelo incentivo, apoio e disponibilidade em sanar minhas dúvidas ao longo desta caminhada.

E a todos que direta ou indiretamente foram fundamentais para a construção desta pesquisa.

"Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino".

(Paulo Freire)

RESUMO

A proposta deste trabalho, cujo tema é **Mídias na Educação: uma proposta transformadora na utilização da tv e do vídeo na prática docente pedagógica**-foi investigar de que forma os educadores desenvolvem a relação de conexão entre a televisão, o vídeo e a prática da construção do conhecimento com alunos da 4ª série do Ensino Fundamental em sala de aula. Com o intuito de fazer com que a escola através da metodologia aplicada por seus educadores, procure refletir e desenvolver práticas educativas que proporcionem uma educação crítica na qual o educando deixe de ser um receptor passivo diante das atuais programações televisivas. Foram consultadas inúmeras fontes bibliográficas de teóricos que abordam o tema em estudo: Moran, Penteadó, Fischer, Pacheco, dentre outros. Também foi aplicado um questionário, com perguntas objetivas, aos educandos da Escola Estadual Padre Ângelo Biraghi, localizada no município de Macapá, para conhecer e comparar a realidade da prática pedagógica exercida na escola e os reflexos disso na educação dos alunos. Enfim, a televisão e o vídeo como instrumentos de produção de conhecimento na escola foi o principal foco deste trabalho, além de sua importância como recurso didático audiovisual e o poder de sua linguagem no processo ensino-aprendizagem.

Palavras chave: Mídias – Educação – Televisão – Vídeo.

ABSTRACT

The objective of this work, which theme is **MEDIA ON EDUCATION: a transforming action to use television and video in the practice of teaching** was to investigate how educators are developing the connectedness between TV, video and the practice of building the knowledge with students of Elementary School's fourth grade in the classroom. With the intention to make that the school, through the methodology applied by its educators, seeks to rethink about it and to develop educational practices to provide a critical education where the student ceases to be a passive receiver under the current television programming. A lot of biographic sources of theorists which approach the topic under study were consulted. Moran, Penteadó, Fischer, Pacheco, among others. A questionnaire was also applied with objective questions to educators and students of State School Father Angelo Biraghi, located in the municipality of Macapá, to learn and compare the reality of pedagogical practice exercised in that school about the knowledge of the students from the television schedules. Finally, the television and video as instruments of knowledge production in the school was the main focus of this work, in addition to its importance as didactic resource audiovisual and the power of its language in the teaching-learning process.

SUMÁRIO

Introdução	09
1. Tecnologia x Educação	11
1.1. Considerações sobre o Ensino Tradicional x Ensino Moderno.....	14
1.2. A Inclusão das Mídias na Educação Formal Sistematizada.....	17
2. A Televisão	21
2.1. Considerações históricas.....	21
2.1.1. Comunicação Televisiva:Ficção, encantamento,informação e a contextualização dos conhecimentos.....	27
3. A Escola	32
3.1. Instituição do saber.....	32
4. A TV e o vídeo na sala de aula: desafios e perspectivas	36
4.1. Socializando experiências: algumas propostasde uso da Tv e do vídeo nas turmas de 4ª série da E. E. Padre Ângelo Biraghi.....	38
5. Saberes necessários à educação do futuro	50
5.1. A práxis do professor diante do novo cenário de construção do saber.....	53
6. Considerações	59
Referências.....	61
Apêndices.....	64

INTRODUÇÃO

Pensar a dicotomia existente entre teoria e prática na escola nos remete, imediatamente, a pensar em uma prática pedagógica inovadora tendo como suporte o uso das mídias. Deste modo, o presente trabalho intitulado **Mídias na Educação: uma proposta transformadora na utilização da tv e do vídeo na prática docente pedagógica** se propõe a investigar as mídias na educação, em especial a mídia televisiva e o vídeo, como uma proposta transformadora na utilização desses suportes na prática docente pedagógica.

Atualmente, observa-se que as crianças demonstram ainda gostar de televisão, e através dela constroem conhecimentos, aperfeiçoam padrões de comportamentos e abstraem informações úteis ao seu dia-a-dia. Portanto, o objetivo desta pesquisa é investigar a construção do conhecimento no processo ensino-aprendizagem a partir das programações televisivas, e sua ação pedagógica nas salas de aula das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, é necessário conhecer para discutir, analisar e avançar naquilo que educandos e educadores estão debatendo de forma significativa na sociedade, a respeito das assimilações extraídas da televisão como fonte de busca de novos conhecimentos.

Por isso, optou-se pela pesquisa qualitativa e quantitativa, com a aplicação de questionários com perguntas fechadas a 29 educandos da 4ª série do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Padre Ângelo Biraghi, a fim de realizar um paralelo entre o que diz a teoria defendida por pesquisadores renomados como Moran, Penteadó, Fischer, Pacheco, dentre outros, e a prática metodológica em sala de aula. Tais análises encontram-se expostas no capítulo 4, e visam esclarecer, e facilitar a compreensão das discussões apresentadas.

Sendo assim, o presente trabalho está dividido em cinco capítulos respectivamente: **Tecnologia x Educação; A Televisão; A Escola; A TV e o vídeo**

na sala de aula: desafios e perspectivas; Os saberes necessários à educação do futuro.

Cabe ressaltar que este trabalho não visa esgotar esse tema, mas sim abrir a discussão para as possibilidades de uso das mídias na educação deixando claro que não basta somente ter uma escola bem equipada é necessário também investir na qualificação dos docentes para que assim haja melhor utilização dos recursos tecnológicos.

1. Tecnologia x Educação

A chegada das tecnologias às escolas, em concomitância, às transformações sociais, reacende a necessidade de os gestores e professores estarem preparados para a utilização integrada dos recursos midiáticos, mas, ao mesmo tempo, passa a ser um desafio a todos os atores envolvidos no processo educativo. Sobre isso Póvoa diz que:

O atual avanço e a disseminação das tecnologias de informação e comunicação vêm criando novas formas de convivências, novos textos, novas leituras, novas escritas e, sobretudo, novas maneiras de interagir no espaço cibernético (Póvoa apud Coscarelli, 2000:23).

A sociedade de hoje pertence a um mundo diferente, a um mundo globalizado, tecnológico, ligado em redes, quase instantâneo, que, enquanto transpõe a mudança de um milênio, formata uma nova cultura, em que os cidadãos se inserem de forma participativa na gestão e no controle, exigindo ética, transparência e resultados no emprego dos recursos públicos.

As mudanças tecnológicas ocorrem em velocidade acelerada e o mundo informatizado oferece inúmeras possibilidades de construir conhecimentos, de trocar informações e “ganhar” tempo para realizar outras tarefas cotidianas, pois as novas tecnologias são vistas como recursos facilitadores na resolução de problemas. Entretanto, é possível perceber que seu acesso ainda é limitado principalmente quando os pensamos intramuros escolares.

O desenvolvimento e a informação são fatores primordiais na sociedade atual. As inovações tecnológicas avançam de maneira acelerada e abrem espaço para que os meios de comunicação se expandam e ocupem um lugar central e afluente dentro dos diversos ambientes em nossa sociedade, em especial, nos ambientes escolares. Por isso,

Precisamos tornar a escola um espaço vivo, agradável, estimulante, com professores mais bem remunerados e preparados; com currículos mais ligados à vida dos alunos; com metodologias mais participativas, que tornem os alunos pesquisadores, ativos; com aulas mais centradas em projetos do que em conteúdos prontos; com atividades em outros espaços que não a sala de aula (...) (Moran, 2007:86).

A presença dos recursos midiáticos capazes de influenciar nossas relações sociais está cada vez mais, conquistando espaço nas escolas e são capazes de enriquecer determinados conteúdos curriculares tornando a aula mais prazerosa e construtiva.

Segundo Thompson (1995:285) “para a maioria das pessoas hoje, o conhecimento que nós temos dos fatos que acontecem além do nosso meio social imediato é, em grande parte, derivado de nossa recepção das formas simbólicas mediadas pela mídia”. O que só enriquece e fortalece nossa práxis veiculada aos conhecimentos obtidos através das tecnologias disponíveis ao processo de construção do conhecimento, pois as mesmas despertam o interesse e a curiosidade quando bem exploradas, além de enriquecerem a transmissão, a construção e a reconstrução dos saberes curriculares associados aos da vida cotidiana. Moran afirma que:

A televisão, o cinema e o vídeo - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros. (Moran, 2007)

Por isso, a escola precisa ter um olhar diferenciado a estas propostas da mídia, levando os alunos a refletirem de modo crítico diante das novas tecnologias a fim de fazer com que estas sejam vistas como ferramentas capazes de qualificar o processo de ensino e aprendizagem, mesmo tendo a consciência de que este a priori, não é o principal objetivo das mídias disponíveis na sociedade. Pois, de acordo com os PCN's Parâmetros Curriculares Nacionais (1984:137):

[...] multiplicaram-se os instrumentos de comunicação e é enorme a quantidade de informação disponível, mas a capacidade de assimilação humana continua a mesma, tanto do ponto de vista físico como psicológico. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que informação em quantidade não quer dizer informação de qualidade. Em torno das sofisticadas tecnologias circula todo tipo de informação, atendendo a finalidades, interesses, funções bastante diferenciadas.

Edson Bezerra relata em seu artigo que estudos demonstram a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), como ferramenta capaz de trazer enorme contribuição para a prática escolar em qualquer nível de

ensino. Diz ainda, que essa utilização apresenta múltiplas possibilidades que poderão ser realizadas segundo uma determinada concepção de educação que perpassa qualquer atividade escolar.

Conforme Corrêa (2001:21):

Devemos construir uma nova articulação entre tecnologia e educação, aquilo que chamaríamos de uma visão crítica, apesar do desgaste da palavra "crítica". Ou seja, compreender a tecnologia para além do mero artefato, recuperando sua dimensão humana e social. Lembrando que as tecnologias que favorecem o acesso à informação e aos canais de comunicação não são, por si mesmas, educativas, pois, para isso, dependem de uma proposta educativa que as utilize enquanto mediação para uma determinada prática educativa.

Introduzir as novas tecnologias no ambiente escolar não é tarefa fácil, pois exige que educadores estejam disponíveis a aceitar a democratização da informação, do saber propriamente dito. Então, sendo assim, é necessário que haja uma reflexão sobre a necessidade de uma mudança na concepção de aprendizagem vigente na maioria das escolas atualmente.

Pois, com o desenvolvimento tecnológico, a sociedade sofreu inúmeras mudanças nas últimas décadas. Assim a educação não tem somente que adaptar às novas necessidades dessa sociedade do conhecimento como, principalmente, tem que assumir um papel de ponta nesse processo. Os recursos tecnológicos de comunicação e informação têm se desenvolvido e se diversificado rapidamente. Eles estão presentes na vida cotidiana de todos os cidadãos, que não podem ser ignorados ou desprezados.

Embora seja possível ensinar e aprender sem eles, as escolas têm investido cada vez mais nas tecnologias. Pela enorme influência que essas mídias, especialmente a computação, têm exercido atualmente na educação é que torna-se necessária uma reflexão sobre a concepção de aprendizagem que deverá perpassar a utilização dessa tecnologia na prática educativa. Visto que, a utilização das novas tecnologias na educação não garantirá por si só a aprendizagem dos alunos, pois as mesmas são instrumentos de ensino que podem e devem estar a serviço do processo de construção e apropriação do conhecimento dos aprendizes. A introdução desses recursos na educação deve ser acompanhada de uma sólida

formação dos professores para que eles possam utilizá-las de uma forma responsável e com potencialidades pedagógicas verdadeiras, não sendo utilizadas como máquinas divertidas e agradáveis para passar o tempo.

Nota-se assim que são grandes os desafios no processo educativo, portanto, vale a pena pesquisar novos caminhos de integração dos recursos humanos e tecnológicos; do sensorial, emocional, racional e do ético; do presencial e do virtual; de integração da escola com o trabalho e a vida.

A inserção de novas tecnologias nas escolas faz surgir novas formas de ensino e aprendizagem; estamos todos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender, a integrar o humano e o tecnológico, pois a educação não pode ficar alheia a este processo de mudança organizacional e produtiva com auxílio da tecnologia.

1.1. Considerações sobre o Ensino Tradicional x Ensino Moderno.

Muitos especialistas e professores consideram as novas tecnologias necessárias na era das comunicações. É certo que diariamente tais recursos como computadores conectados à internet, televisão, rádio e jogos eletrônicos conquistam espaço considerável dentro da sociedade, com objetivo de tornar a vida mais ágil, bem como, no ambiente escolar devido às possibilidades de utilização na sala de aula como recurso facilitador de aprendizagem.

O professor, o aluno, a aula, o ambiente escolar e tudo o que está voltado ao sistema educacional formal vem ao longo dos anos passando por mudanças, transformações significativas com intuito de facilitar o processo ensino e aprendizagem.

Desta forma, faz-se necessário tecer um breve paralelo entre o modelo de ensino tradicional e ensino moderno. Sendo que no primeiro, o professor era considerado o detentor do saber, discursava durante sua aula expositiva, cobrava do

aluno uma postura semelhante a sua. O aluno por sua vez tinha que cumprir uma rotina, ser obediente e raciocinar de acordo com o ponto de vista do professor. A sala de aula era organizada em colunas e filas, pois o aluno é o ouvinte de ideias selecionadas e organizadas pelo professor.

Já, no ensino moderno, o professor busca se atualizar, proporcionando aos alunos momentos de reflexão, pois acredita que o processo é ativo, então, neste modelo de ensino o professor assume um papel de coordenador dos trabalhos propostos em sala de aula. O aluno é um descobridor, visto que é estimulado a desenvolver o raciocínio pessoal, bem como trocar pontos de vista com os colegas. É exigido deste, responsabilidade e respeito por si e pelos outros. Durante as aulas os alunos pesquisam e o professor os orienta, pois a avaliação é um processo permanente de caráter formativo.

Diante destes aspectos é possível notar que ainda hoje as escolas que se propõem a assumir um papel de ensino moderno pelo seu entusiasmo natural aberta ao debate com profissionais capazes de rever suas práticas constantemente, nem sempre têm uma proposta concreta, pois ainda privilegiam o conteúdo, são rígidas em relação a disciplina e preparam para o vestibular desde o começo do currículo escolar. Ou seja, alguns aspectos do ensino tradicional continuam enraizados no ensino moderno que timidamente estabelece em sua proposta a importância de se valorizar os conhecimentos prévios dos alunos buscando aprofundá-los a partir de embasamentos teóricos, reconstruindo-os em momentos diversos e de diferentes maneiras.

Nos dias atuais a educação na sociedade informatizada é difusa, isto é, as pessoas se educam enquanto trabalham ou assistem à televisão, enquanto se divertem ou realizam atividades rotineiras. A educação permeia todas as atividades sem limitar uma coisa e outra, pois a educação está presente em todos os ambientes da sociedade e a construção do saber é contínua. Kenski, enfatiza que:

A aprendizagem pode se dar com o envolvimento integral do indivíduo, isto é, do emocional, do racional do seu imaginário, do intuitivo, do sensorial em interação, a partir de desafios, da exploração de possibilidades, do assumir de responsabilidades do criar e do refletir juntos (Kenski, 1996:78).

O aprender está relacionado ao fazer, que exige aprendizagem/educação. Portanto, à escola e ao ensino cabe o papel de estimular a curiosidade e a vontade de descobrir, de aprender dos alunos sem abafá-los. Mesmo assim é indispensável ressaltar que no ensino moderno, apesar dos rumos que a tecnologia oferece ainda se faz indispensável o contato pessoal presencial do professor com os alunos e dos alunos com os outros em sala de aula.

Para Libâneo (1990:17):

Não há sociedade sem prática educativa nem prática sem sociedade. Assim, a existência da prática educativa é um dos meios utilizados para se prover o indivíduo dos saberes e experiências culturais construídos historicamente pela humanidade, que os tornam aptos a atuar no meio social com condições de transformá-lo em função de suas necessidades coletivas, o que exige que, esta prática educativa esteja permanentemente em evolução, considerando a dinâmica da sociedade.

Porém, apesar destas mudanças que estão acontecendo, timidamente, no cenário da educação ainda é possível conceituar e presenciar métodos de ensino tradicionais consolidados com o tempo, e que ainda hoje prevalecem nas instituições de ensino. Ou seja, ainda é possível notar em muitas práticas educativas de alguns educadores o método de ensino tradicional onde o professor fala, o aluno escuta; o professor dita, o aluno escreve; o professor manda, o aluno obedece. Mas, este método já é mais maleável, isto é, alguns professores já estão mais flexíveis e adotam outra postura na qual o método de ensino passa a se modernizar: o professor fala, o aluno discute; o professor discursa, o aluno toma nota; o professor pede, o aluno pondera. Em casos específicos, o aluno fala, o professor escuta, o grupo debate e todos tomam nota, inclusive o professor, procurando ir ao encontro das necessidades que surgem.

Desta maneira é possível perceber também que a tecnologia muda não só os meios de comunicação de massa como, paralelamente, os meios de ensino, não somente dentro da sala de aula. Observe alguns exemplos: primeiro foram os correios tradicionais que incentivaram o ensino em domicílio, por correspondência. As aulas particulares já não precisavam mais da presença do professor. Depois veio o rádio: o professor fala com você sem estar ao seu lado fisicamente, não importa onde você esteja desde que esteja com um rádio ligado. Os discos de vinil e as fita

"K-7" fizeram o seu tempo, até o aparecimento dos Cds, contemporaneamente com a televisão e o vídeo, facilitando ainda mais o ensino a distância: som e imagem ao seu dispor. Agora temos a internet, com uma variedade quase infinita de possibilidades. O correio ainda continua presente: enviando fitas e discos, de áudio, imagens e multimídia, além das apostilas. A internet aos poucos está cada vez mais confiável.

1.2. A inclusão das mídias na educação formal sistematizada

As ações pedagógicas são elementos fundamentais nas mudanças ocorridas no cenário educacional, os professores precisam estar preparados para desenvolver em seus contextos atividades que contemplem as necessidades de sua clientela, cada realidade exigirá um olhar diferenciado e uma solução adequada a situação apresentada. Sobre isso Libâneo diz que:

A complexidade da vida social contemporânea e a conseqüente diversificação das atividades educativas resultam, ao mesmo tempo, em ampliação das ações pedagógicas (Libâneo, 2006:57)

Mesmo sendo bombardeadas por notícias diárias vindas da televisão, do vídeo, do rádio e da internet que são recursos midiáticos que estão a nos ajudar a perceber e a contextualizar o mundo, estamos diante de uma nova sociedade que detém maneira inovadora de receber e transmitir tais informações a partir dos inúmeros recursos tecnológicos a favor da educação formal sistematizada.

Sobre esse contexto Pierre Lévy (2000) diz que:

As tecnologias atuais, assim chamadas, por não serem simples instrumentos, mas por influírem no processo cognitivo do indivíduo podem ser vistas como intermediadores do processo de ensino e aprendizagem, visto que, estão a cada dia mais interativas, o que exige no contexto escolar um novo olhar diante da prática do professor que tem que trazer para si algumas posturas como, por exemplo, a responsabilidade de aperfeiçoar e facilitar o processo de compreensão dos alunos sobre o mundo em que vivem.

As constantes mudanças tecnológicas que acontecem em nossa sociedade estão em todos os ambientes: em casa, no lazer, na escola. Sendo que a

escola, enquanto formadora de cidadãos críticos e capazes de compreender o mundo e suas transformações, deve cada vez mais tentar incorporar as mídias e as tecnologias à sua prática educativa. Ou seja, a escola é desafiada a ultrapassar a lógica da exclusão, buscando oportunidade de acesso e utilização das novas tecnologias de informação e comunicação, já que é influenciada diariamente, mesmo que estas não estejam de fato incorporadas ao ensino e a aprendizagem, pois grande parte dos nossos alunos de escola pública tem acesso à Internet, um mundo virtual de informação e entretenimento, ao alcance de “todos”. Um mercado que se desenvolve de modo acelerado são as casas de acesso. Isto quer dizer que as mudanças precisam primeiramente acontecer no interior das escolas, tanto investindo na estrutura física e tecnológica, quanto na parte pedagógica, através de capacitação dos educadores, para que estes sintam curiosidade em utilizar os recursos midiáticos como ferramenta didática colaborativa e estimulante à (re) construção de conhecimentos.

Então, porque não tornar as aulas mais dinâmicas, a partir da utilização de pesquisas, debates e busca de informação, mesmo que a escola ainda seja carente de laboratórios. Pois, vale ressaltar, que segundo M^a Graça da Silva (2006), “aproximadamente 15% das escolas de nosso país possuem laboratórios de informática e um percentual ainda maior dispõe de TV, vídeo, rádio e outras tecnologias”.

Se voltar o olhar para trás, é possível notar que antigamente, acreditava-se que a escola era um ambiente protegido e neutro diante das manifestações sociais e transformadoras. Hoje, é possível afirmar que não existe escola que não disponha de algum recurso tecnológico, dos mais convencionais até a Internet. Esses recursos já fazem parte do cotidiano, por isso, tanto a escola quanto seus educadores são capazes de se organizar e adaptar o que a escola já possui para utilizar como ferramenta didática que torne as aulas mais agradáveis e prazerosas.

Enfim, são muitos recursos a nossa disposição para aprender e para ensinar. Dessa forma, é preciso repensar a educação, conversar, planejar e executar ações pedagógicas inovadoras, de forma cautelosa, porém firmes na

sinalização de mudanças, já que, as tecnologias e as diversas linguagens que surgem invadem a sala de aula de modo acelerado e influenciador.

Para isso, o educador precisa assumir seu papel inquietador, reaprendendo a ensinar e a aprender, construindo um novo modelo de educação que deve ser mais flexível e ao mesmo tempo atrativo. Haja vista, que o educador é um eterno aprendiz e deve estar em constante formação para acompanhar verdadeiramente as mudanças para a melhoria da qualidade da educação.

Sendo assim, é possível enfatizar que não resta dúvida de que o uso das novas formas de comunicação e interação a partir do emprego das mídias incentiva o processo de construção do conhecimento, tornando a aprendizagem mais significativa em virtude da atração das ferramentas. Isso claro, levando-se em consideração que a mídia deve ser adequada ao conteúdo e este por sua vez precisa ser bem planejado.

A tecnologia altera os modelos de ensino e os discursos trazendo consigo contribuições para a prática docente e escolar. Desde o início da década de 90 a maioria das escolas vem sendo equipadas com as novas tecnologias, dentre elas é possível citar: TV, rádio, computadores e internet com novos elementos, como exemplo podem-se citar: Ambientes Virtuais de Aprendizagens – AVA, e Objetos de Aprendizagens - OA, a fim de melhorar a prática pedagógica a partir de utilização dessas mídias que visam qualificar o processo de ensino, tornando-o mais prazeroso e atrativo. Sendo assim,

Torna-se cada vez mais necessário um fazer educativo que ofereça múltiplos caminhos e alternativas, distanciando-se do discurso monológico da resposta certa, da sequência linear de conteúdos de estruturas rígidas dos saberes prontos, com compromissos renovados em relação a flexibilidade à interconectividade, a diversidade e a variedade, além das relações sociais e de interesses dos envolvidos no processo de aprendizagem. (Litto, 1997:98).

Uma aula diversificada, com recursos adequados, desperta o espírito crítico e permite ao aluno interagir com o objeto de estudo. É preciso entender a prática pedagógica como um momento de participação orientado e de construção conjunta. É diversificando as atividades, trabalhando conteúdos e utilizando recursos

alternativos que se consegue a frequente participação ativa do aluno no processo ensino-aprendizagem e conseqüentemente o seu desenvolvimento pessoal, de forma que, possa aplicar e utilizar os conhecimentos adquiridos na prática social. Reigota (2002:82) enfatiza que:

(...) a escola, os conteúdos, e o papel do professor e dos alunos são colocados em uma nova situação, não apenas relacionada com o conhecimento, mas sim com o uso que fazemos dele e a sua importância para a nossa participação política cotidiana.

Deste modo, vários são os recursos que podem ser utilizados como estratégia metodológica na prática pedagógica no contexto educacional, tais como: mídia impressa, TV, Vídeo, DVD, rádio, retroprojetor, computador e TV Multimídia.

Cabe, no entanto, ao professor no ato de planejar suas aulas, selecionar àquele que mais possa auxiliá-lo no desenvolvimento do conteúdo e ainda contribuir para o aprendizado do aluno.

Para isso, é importante que o professor não conceba ao material selecionado, o papel de elemento ilustrativo do processo, mas sim, de instrumento que possibilitará a efetivação da aprendizagem, uma vez que é considerado parte da organização do trabalho pedagógico.

Deste modo, o professor enquanto mediador do conhecimento é o responsável pela organização de todo trabalho docente, portanto, o manuseio dos materiais é tarefa do professor, o que reafirma a necessidade de selecionar e testar previamente os mesmos, o que conseqüentemente justificará a intencionalidade do uso de determinado recurso.

Portanto, as tecnologias, hoje, com as mudanças sociais, estão presentes no cotidiano do aluno e em sala de aula. Criar espaços para integrá-las na prática pedagógica é alternativo, para construir um modelo de ensino diferenciado, onde o aluno possa romper com as limitações uma vez que se é estabelecido à democratização do acesso à informação.

Na era da globalização negar ao aluno o acesso aos recursos midiáticos, é negar a própria evolução humana e social. Neste contexto, a escola não pode mais esquivar-se de seu uso, pelo contrário, inseri-los é uma das alternativas necessárias para a qualidade do ensino.

2. A Televisão

2.1. Considerações históricas

A presença hegemônica da televisão na sociedade leva muitos educadores e pedagogos a pesquisarem e discutirem a influencia deste meio de comunicação onipresente na vida das crianças.

A moderna televisão consolidou-se protegida pelo regime militar (1964-1985). E, esta relação entre o regime e a mídia fez com que muitos dos professores vissem a televisão como um estímulo aos hábitos de consumismo e conformação política.

A escola sempre foi considerada uma instituição formadora e transmissora de valores, atitudes e conhecimentos. A perda de poder de tal processo dinâmico para a mídia, sobretudo a televisão, permite-nos remontar seu surgimento para ajudar a esclarecer em parte essa relação, pois a inauguração da televisão na década de 50 em nosso país não tinha como objetivo tornar-se uma ferramenta pedagógica para uso das instituições escolares.

Porém, da mesma forma, a escola precisava incorporar recursos metodológicos que pudessem fazer da televisão um instrumento que complementasse, fortificasse e facilitasse o processo de ensino-aprendizagem, pois em suas programações, a televisão deixava claro que seu principal objetivo era levar o entretenimento, como podemos exemplificar nos programas de auditório e nas

telenovelas. Vale ressaltar ainda, que a escola não reconhecia a televisão como um meio didático, pois duvidava do comportamento da criança diante das mensagens televisivas.

Um dos primeiros passos para a invenção da televisão aconteceu em 1817 quando um cientista sueco chamado Jakob Berzelius descobriu e isolou o selênio. Porém, somente em 1873, ou seja, 56 anos depois, foi que o cientista inglês Willoughby Smith comprovou a tese de que aquele material possuía a propriedade de transformar a energia luminosa em energia elétrica.

Em 1884, o cientista alemão Paul Nipkow, após diversas experiências, patenteou uma proposta de transmissão de imagem à distância, que o deixou conhecido como “o fundador da técnica TV”.

O engenho consistia num disco fino e metálico com orifícios equidistantes e dispostos em espiral, do centro para periferia. Instalado entre o objeto a ser televisionado e as células fotoelétricas, o disco era girado e cada uma de suas aberturas produzia uma linha circular de luz (como se fosse traçada no escuro por cigarro aceso), que incidia sobre a fotocélula. Assim que o orifício mais externo passava sobre a imagem, o orifício seguinte traçava outra linha, paralela e imediatamente abaixo da anterior. A sucessão dessas linhas contíguas era traduzida pelas fotocélulas em impulsos elétricos, transmitidos por sua vez ao receptor. Neste, a energia recebida convertia-se em variação de intensidade de luz por meio de uma lâmpada, onde um segundo disco, sincronizado com o transmissor, projetava linhas novamente sucessivas que recompunham as imagens originais (Nova Enciclopédia Barsa, 2002:30).

Segundo a Nova Enciclopédia Barsa, 2002:31, a construção do primeiro televisor eletrônico aconteceu no ano de 1932 pela Rádio Corporation of América (RCA), “(...) com um tubo de raios catódicos aperfeiçoado e 120 linhas de definição. A descoberta representou um importante estímulo para as pesquisas em sistemas eletrônicos”. No entanto, as primeiras transmissões aconteceram em 1930, na França, por René Barthélemy, com grande êxito.

Em 1935, na Alemanha, 1936 na Inglaterra, 1938 nos Estados Unidos. Sendo que no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), apenas a Alemanha manteve em funcionamento a televisão. Mas, no Pós-Guerra o desenvolvimento da televisão cresceu aceleradamente. A Europa e a América Latina foram invadidas pela novidade eletrônica.

A invenção da televisão não pode ser atribuída a uma só pessoa, pois os equipamentos que até hoje são usados foram construídos depois de experiências que antecederam os trabalhos de pesquisa de diferentes estudiosos. Etimologicamente, a palavra televisão surgiu da junção: tele (longe, em grego) e videre (do latim, ver) e foi inventada pelo francês Constantin Perskyi.

Dando sequência ao breve histórico sobre a criação da televisão, é necessário registrar algumas contribuições relevantes para a exposição diária de telespectadores diante desse meio de comunicação.

A televisão está presente no dia-a-dia da população, e, é considerada desde a década de 50, elemento central de integração imaginária do país. Em junho de 1950, foi ao ar, ainda em caráter experimental, a primeira estação de televisão do Brasil, a TV Tupi de São Paulo, pertencente à “Rede Diários e Empresas Associadas”. Mas, somente no dia 18 de setembro deste ano, às 21 horas, com mais de uma hora de atraso é que foi inaugurada oficialmente a televisão brasileira, com a exibição do espetáculo denominado “Show na Taba”, apresentando músicas humorismo, quadro de dramaturgia e danças, show este apresentado por Homero Silva, dirigido por Demerval Costa Lima e Cassiano Gabus Mendes. A exibição do espetáculo, de acordo com a definição de Daniel Filho:

O programa foi feito com duas câmeras e transmitido com a maior dificuldade. (...) A primeira vez que assisti a um programa de televisão foi cerca de um ano depois em 1951, quando ela estreou no Rio de Janeiro. Foi na casa de um amigo meu; o aparelho era muito caro, pouca gente podia pôr um na sala. (...) A imagem não era muito clara; era meio borrada, como se fosse um desenho que você faz e passa o dedo. A tela redonda. Mas tinha movimento, você via as pessoas, dava até para reconhecer. (Filho, 2001:15-16).

O ano de 1956 foi o marco da expansão da televisão em todo território nacional. Em 1961, o Brasil contava com uma audiência formada por 980.000 aparelhos, contra os 7.000 em 1952, o que levou as emissoras a uma concorrência desastrosa e a uma queda da qualidade das transmissões.

Antes do Brasil, apenas quatro outros países produziram sua própria programação: Estados Unidos, Inglaterra, Holanda e França. Vale ressaltar, que a TV Tupi foi a primeira emissora de televisão brasileira, pioneira também na América Latina. É interessante observar, no Brasil, o precursor da transmissão televisiva – Chatô.

Francisco de Assis Chateaubrinad Bandeira de melo - Chatô (1892-1968), foi um grande jornalista e político paraibano. Considerado um dos homens mais influentes conseguiu com seu império reunir mais de cem jornais, revistas, estações de rádio e televisão no Brasil nas décadas de 40 e 50.

Ainda quanto ao modo como foi evoluindo a televisão, não bastava o desenvolvimento técnico, mas também aprimorar a programação. Assim, as emissoras começaram produzir programas sistemáticos com o objetivo de aumentar a audiência.

Um das grandes criações da TV Tupi foi às telenovelas a princípio exibidas em dois capítulos semanais capazes de apresentar cenas de beijo na boca, como na novela “Sua Vida Me Pertence” escrita por Walter Forster no ano de 1951, em que a atriz Vida Alves beijou o galã que era o próprio escritor. No entanto, a primeira telenovela de relevante audiência foi apresentada diariamente pela TV Tupi carioca e chamou-se “O Direito de Nascer”, exibida em 1964, dirigida por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni.

Os atores e autores de teatro atraídos pela crescente audiência e melhores salários migraram do cinema e do teatro para a televisão. Muitos autores de teatro, como Ivani Ribeiro e Dias Gomes, passaram a escrever telenovelas em meados da década de 60. Outro ícone da televisão no Brasil estreou em fevereiro de 1951 na Tupi paulista, o infantil: “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, inspirado na obra de Monteiro Lobato.

Na ânsia de crescimento pela busca de audiência, os responsáveis pela emissora não conseguiram perceber a dimensão a que chegaram. A morte de Chatô enfraqueceu as estruturas da Rede Diários e Emissoras Associadas. A televisão

Tupi abalada por problemas financeiros, administrativos e falta de investimentos começou a perder a qualidade e a preferência popular, deixando que espaços fossem ocupados pelas concorrentes.

Mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas pela Tupi, no ano de 1972, chegou ao sinal da emissora à cor, na transmissão da “Festa da Uva”, narrada por Blota Júnior. Porém, no ano de 1980, televisão Tupi encerrou suas atividades. Exatamente 29 anos e dez meses após sua inauguração com a cassação de concessão pelo Governo Federal. Agentes do Departamento Nacional de Telecomunicações – Dentel – retiraram o cristal dos transmissores e lacraram a emissora no dia 18 de setembro de 1980. Depois de uma turbulência histórica de glórias e decadências, chegou ao fim à primeira emissora inaugurada no Brasil.

Uma outra emissora surgiu: a Globo que iniciou suas atividades no Rio de Janeiro dia 26 de abril de 1965, e em São Paulo, em 1966, fruto de um contrato entre o empresário Roberto Marinho e o grupo americano Time-Life, que implantou o modelo comercial na empresa e também forneceu o suporte técnico à nova emissora. No entanto, a TV Globo só conquistou sua liderança absoluta na década de 70. A justificativa para essa hegemonia deve-se porque:

A Globo se desenvolveu na base da unidade na programação, mesmo abrindo espaço – como ainda acontece hoje em dia – para as afiliadas. E a montagem da rede nacional, ao longo dos anos, conquistando quase uma a uma as estações locais, foi uma operação conduzida pelo Boni, pelo Walter Clark, pelos profissionais da Globo. Já a partir de 69, 70, a Globo, apesar de sofrer uns baques por conta da TV Tupi de São Paulo, alcançava a hegemonia nacional (Filho, 2001:35).

É importante frisar que a Rede Globo transformou-se na maior cadeia de comunicação da América Latina e orientou a expansão com intuito de buscar afiliadas pelo país. Além disso, o nível de excelência técnica que atingiu permitiu-lhe exportar para Portugal, México, Estados Unidos hispânico, entre outros países parte da programação, especialmente telenovelas (gênero de ficção teatral exibida em capítulos na televisão). Visto a qualidade da dramaturgia brasileira:

A novela mexicana assimilou bastante coisa da nossa (...) trabalham com assuntos extremamente fáceis, mas caso concorressem hoje frente a frente, com uma novela brasileira, certamente perderiam em audiência no Brasil

(...) uma novela brasileira, bem dublada em espanhol, consegue audiência boa no exterior (Filho, 2001:349).

Em 1º de setembro de 1969, estreou pela Rede Globo de Televisão o Jornal Nacional, que pouco tempo tornou-se um dos principais meios de informação. E foi com ele que a Globo iniciou sua operação em rede no Brasil, um marco na história da televisão. Foi também o primeiro telejornal a exibir um repórter com entrada ao vivo e o responsável pelos maiores “furos” do jornalismo brasileiro. O Jornal Nacional era apresentado por Heron Domingues e Léo Batista. A Globo foi à pioneira na implantação da televisão em cores no Brasil. A novela “O Bem Amado” foi a primeira novela colorida exibida em 1973 pela emissora.

Um diferencial indispensável que consagrou as novelas transmitidas pela Rede Globo está no fato de que seus autores continuam escrevendo-as na medida em que a trama está sendo exibida, levando quase sempre em consideração a preferência do telespectador. Sendo que estes podem ser surpreendidos no decorrer da história, pois:

Tão expressivo quanto ter um público diário e cativo, é o fato de ser a novela uma obra aberta e permanentemente em progresso, isto é, os autores a escrevem ao mesmo tempo em que é exibida. Na medida em que se desenrola a trama, a Rede Globo procura conhecer mais intimamente o perfil do telespectador, saber de suas expectativas e, em razão disso, motivá-lo. O gosto do público é tão levado em conta que, de certa maneira, o telespectador é co-autor da novela. Afinal de contas, o público que consagra a novela é tão responsável por ela quanto os autores, atores, diretores e técnicos (Carlson, 2002).

Atualmente, a televisão é o meio de comunicação de massa que influencia de modo direto à cultura e o comportamento de um público numeroso, pois consiste num sistema eletrônico de transmissão de imagens (frequentemente acompanhadas de som) para aparelhos receptores capazes de efetuar a projeção numa tela. A televisão apresenta hoje duas estruturas fundamentais: a privada e a estatal. Enquanto a primeira se autofinancia com a venda de tempo aos patrocinadores, a outra é financiada por impostos. Essa habilidade faz com que:

A televisão, então, se transforme no meio de comunicação de massas, mais autêntico, posto que atinge a todos de maneira igual; o conteúdo e a forma das mensagens é cortada pelo denominador comum, e a participação do público é efetiva e próxima do modelo da conversa (Rincón, 2002:19).

Televisão é entretenimento, e a brasileira em especial, é excelente contadora de histórias, tanto que suas telenovelas fazem o maior sucesso. Ela não surgiu com intuito de competir ou substituir o rádio, o cinema ou jornal impresso, mas para ser um novo veículo de comunicação disposto a trocar experiências com estes que a antecedeu.

2.1.1. Comunicação Televisiva: Ficção, encantamento, informação e a contextualização dos conhecimentos.

A televisão como elemento de grande influência na cultura e comportamento de um grande público conseguiu se transformar numa importante ferramenta “pedagógica”, especialmente a partir do momento em que lhe foi atribuída importantes tarefas, que contribuíram sobremaneira para o melhor desempenho do aluno no contexto ensino x aprendizagem. A escola sem dúvida ganhou um aliado que a muito esperava.

Algumas práticas pedagógicas acabaram ganhando espaço e credibilidade nas escolas de Ensino Fundamental. Elas são exercitadas com a ajuda da televisão, por exemplo, a TV Escola que além de poder trabalhar com transmissão educativa direta, pode adicionar este trabalho com a exibição de vídeos atualizados, referentes a todas as disciplinas que se precisa trabalhar.

A televisão é formadora de opinião e comportamento, pois está presente na maioria dos lares brasileiros e consegue integrar diversificadas regiões apesar das divergências econômicas, políticas e sociais. Em pouco mais de 50 anos, a televisão foi capaz de conquistar a preferência dos telespectadores.

Nas últimas décadas, a sociedade brasileira tem se postado fielmente algumas horas por dia (ou por noite) diante do instrumento da indústria cultural de maior importância em nosso século: a TV (Pacheco, 1998:72).

Algumas pessoas costumam se identificar com personagens fictícios apresentados nas telenovelas, pois na comunicação televisiva a linguagem e a imagem, têm surpreendente poder e carga emocional. Não por acaso:

(...) os primeiros contatos da criança ou do adulto com a televisão são caracterizados pela atração curiosa. O som, o foco de luz e as imagens móveis são elementos que interagem como polarizadores da atenção. (...) Mesmo antes de aprender a falar, frequentemente, a criança já está diante da tevê (Fuenzalida apud Rezende, 2002:87).

Porém, vale destacar que em 1959 ocorreu o início do processo de adaptação a algumas transformações sociais da televisão em nosso país. Durante 30 anos, a televisão limitou-se apenas a atender o que hoje é denominado de “horário nobre”, o que na verdade era apenas um papel informativo da televisão. Hoje são vários os canais em exibição, os quais ampliaram de forma significativa o seu poder de impregnação.

A modificação implementada na televisão brasileira trouxe ao telespectador um conjunto de programas, ora de entretenimento infantil, ora contando com a presença de animadores profissionais que se propunham a atender faixas etárias específicas, sobretudo, às crianças.

Com o surpreendente crescimento das cidades os pais ficaram cada vez mais preocupados em deixar seus filhos brincando nas ruas. A forma como a televisão tratou este processo de urbanização afetou o próprio veículo, ou seja, a família sentiu-se incomodada com a linha de programação da televisão e passou a avaliá-las um pouco mais.

No entanto, dentro da relação televisão x sociedade, a primeira tem a função de manter o seu público diante das informações que melhor convier. Desta forma, a televisão obteve muito mais confiança na sociedade, diferente daquilo que se imaginava ser problema. No plano da realidade:

A televisão é uma invenção humana, que se converteu em parte fundamental de nossa vida diária, de nossas formas de construir o símbolo e de nosso modo de criar comunidades de sentido (...) (Rincón, 2002:14).

A televisão, apesar das divergências de muitas pessoas que a vê como meio apenas de entretenimento e pouco educativa, a cada dia ocupa lugar indispensável na maioria dos lares, pois é por meio dela que conseguimos manter-nos informados e atualizados a respeito das transformações sociais. A informação que o cidadão recebe diariamente a cerca de projetos sociais é fruto de um processo de divulgação através da televisão que leva seus telespectadores a um maior conhecimento e consciência da excelência e funcionamento desses projetos.

A televisão influencia positivamente em nossas vidas, uma vez que, estamos habituados a sua presença em quase todos os momentos: quando almoçamos ou falamos ao telefone, quando conversamos ou recebemos amigos e de forma dispersiva assistimos ou ouvimos o que a televisão nos fala.

Outro aspecto relevante e característico da televisão é a fragmentação, a fim de que o mesmo possa realizar outras tarefas sem perder o interesse pelo programa que está sendo veiculado. Essa interrupção dá origem à repetição, ou seja, a redundância, conseguindo desta forma localizar o telespectador, alcançando assim, o seu principal objetivo que é mantê-lo pelo maior tempo possível diante da televisão, fazendo-o memorizar as informações. Sendo assim,

O principal objetivo da televisão é informar e agradar ao público. Para isso, procura dar a ele o que ele gosta. Existe uma relação essencial, na qual o público, de uma forma ou de outra, é o senhor. Ele tem o poder de manter no ar os programas de que gosta e de eliminar os que o desagradam (Filho, 2001:353).

Portanto, a televisão tornou-se ao longo dos anos um eletrodoméstico indispensável, pois é através dela que as pessoas encontram formas de entretenimento e informações importantes para sua vida em sociedade. E isso é tão notório que é fácil observar que existem situações em que o cidadão pode não ter um fogão ou uma geladeira em sua casa, mas têm um televisor para distração da família. O cidadão está acostumado com a presença constante da televisão, pois através da programação apresentada nesse veículo é possível uma pessoa encontrar semelhanças em suas condições de vida com as de outras pessoas, e também, por causa da fácil linguagem utilizada na compreensão das diferentes idades e classes sociais. Mas, antes de continuar essa definição sobre a influência

da televisão na sociedade, é importante ressaltar, como bem lembrou Arlindo Machado em sua obra: *A televisão levada a sério*, que:

Televisão é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas, nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance ou que é produzido por produtores independentes e por grupos de intervenção em canais de acesso público. Para falar de televisão, é preciso definir o corpus, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que estamos justamente chamando de televisão (Machado apud Fischer, 2003:14).

Vivemos em um mundo cercado por notícias sobre violência, fome e miséria que são divulgadas na mídia televisiva diariamente em diferentes canais. Alguns pais, apesar de concordarem que o produto televisivo nem sempre é seguro para o desenvolvimento psicológico das crianças, por medida de precaução preferem que seus filhos fiquem em casa assistindo televisão, pois acreditam que desta forma estão protegendo-os, mas esquecem de limitar os horários, não que devam proibir, pois tudo que é proibido torna-se mais agradável e atraente, mas que sugiram a seus filhos programações apropriadas para suas idades, sem muitas lutas e violências, caso contrário, elas acabam assistindo a todos os programas sem restrições. E o que é colocado hoje como um recurso para distrair filhos de pais que trabalham fora, pode ser um problema no desenvolvimento comportamental da criança no futuro. Observa-se hoje que:

Por causa de tevê, a criança não fica na rua, não atrapalha as tarefas da mãe, que frequentemente não tem mais com quem dividir suas atividades domésticas, uma vez que o atual núcleo familiar costuma excluir a avó, os tios, os agregados que eram tão comuns e que dividiam com os pais os encargos da educação da criança (Menezes, 2002:26).

Desde o seu surgimento na década de 50, a televisão a cada dia ganha mais status de solução e não problema dentro da sociedade, visto que “ajuda” as famílias na educação das crianças, e faz com que a população, de modo geral, acredite em suas informações, pois a relação de confiança que se estabelece fundamenta-se na credibilidade associada com a imagem que o veículo disponibiliza durante suas informações. “Tudo o que ela noticia é lido como verdade. O peso da

crença na tevê é enriquecido pelo fato de ela trabalhar com a imagem” (Menezes, 2002:23).

Portanto, não vale a pena pedir às crianças que desliguem os televisores, pois o tempo corre e o passado não volta mais. Imaginar uma vida sem televisão é impossível, pois é através de suas programações que se pode viajar e conhecer o mundo em suas diferentes dimensões. A televisão proporciona informações, principalmente através de seus telejornais; entretenimento por meio dos programas de auditório, telenovelas, minisséries e desenhos, ou seja,

É pela TV que podemos assistir, por exemplo, a um torneio de tênis, acompanhar a vibração dos corpos dos tenistas, o som das raquetes nos silêncios das quadras, a cristação dos músculos das pernas ou dos braços, o suor dos rostos, o grito em eco, a expressão da dor ou da máxima de felicidade da vitória nos rostos dos jogadores. É esse meio que nos permite assistir a jogos olímpicos (...) (Fischer, 2003:47).

A televisão trabalha o imaginário e a emoção. As crianças apesar de terem acesso a variadas programações durante o dia, sua preferência volta-se para os desenhos animados trabalhados com efeitos visuais atrativos com intuito de despertar o interesse do público infantil.

Portanto, é preciso cuidado quando o assunto em discussão é a influencia da televisão na formação das crianças, visto que a indispensável presença de um aparelho dentro do lar o que torna as crianças cada vez mais dependentes desse mundo de (des) informações e entretenimento proporcionado pela televisão.

Com efeito, sabe-se que o conhecimento não se origina nem do próprio sujeito, nem dos objetos preexistentes no mundo. Ele é resultado das interações, produzidas entre os sujeitos, e destes com o objeto de conhecimento. Desse modo,

Inegavelmente, a TV participa da construção de uma visão de mundo da criança, mas tal construção (desconstrução e recriação) não pode ser apreendida como dissociada do meio social em que se situa a criança. O telespectador infantil está mergulhado em sua ambiência, e seu vivido na família, na escola, no bairro e o que ele compartilha com os colegas é determinante para sua visão de mundo (Pacheco, 1988: 80-81)

Ver a criança diante de um aparelho de televisão ilustra ainda mais os argumentos que se posicionam tanto contra como a favor da grande audiência infantil que por sinal, aumenta cada vez mais nos dias de hoje. A fragilidade da criança e sua falta de maturação sempre devem ser levadas em conta.

Desta forma, é necessário compreender a mídia televisiva, como qualquer outra instituição de socialização que não pode ser analisada isoladamente. O tipo de efeito que ela produz resulta não somente de sua ação, mas também das famílias, das escolas, das religiões, enfim, do contexto social e principalmente do modo como são trabalhados os variados contextos expostos em suas programações.

3. A Escola

3.1. Instituição do saber

Segundo Penteado (2000:86) em uma sociedade como a nossa, organizada em classes, de regime capitalista de produção e onde a escrita constitui um traço cultural imprescindível a inúmeros processos aí desenvolvidos, vários critérios sociais orientam a participação cultural das diferentes classes e camadas sociais. Dentre estes, destaca-se o grau de escolarização do agente social.

Desta forma, a “escola” surge como a “instituição” encarregada da transmissão do saber, e o “professor” e “aluno” surgem com os papéis nitidamente especializados do processo.

As escolas nos dias atuais sobrevivem, segundo Moran (2007:86), porque são espaços obrigatórios e legitimados pelo Estado. Algumas escolas estão atrasadas por não acompanharem os avanços tecnológicos capazes de tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas.

Tornar a escola um “espaço vivo” é um desafio proposto por Moran. Em tal espaço o autor propõe que a escola seja um lugar estimulante, agradável, com professores preparados e bem remunerados, reconhecidos por seu esforço e empenho em buscar metodologias mais participativas e apropriadas a necessidade de seus alunos de acordo com a realidade na qual estão inseridos.

KelinValeirão (2003), em seu artigo define a escola como uma “grande máquina de vigilância da modernidade, resulta de um longo processohistórico que a coloca como o lugar privilegiado, exclusivo e legitimado de saber”. É o local onde, pelo ato de educar, os sujeitos são tirados de seu estado de “selvageria”. Assim,

a escola moderna é o locus em que se dá de forma mais coesa, mais profunda e mais duradoura a conexão entre poder e saber na Modernidade. [...] funcionando, assim, como uma máquina de governamentalização que consegue ser mais poderosa e amplada que a prisão, o manicômio, o quartel, o hospital (Veiga-Neto, 2001:109).

A função da escola na sociedade atual estendeu-se muito em virtude das novas exigências de formação e da omissão da família e de outras instituições no desempenho de seus papéis sociais.

Os tópicos apresentados a seguir darão uma ideia da complexidade da questão e das transformações requeridas na organização do trabalho escolar e no processo de gestão da escola.

Algumas funções da escola nesta sociedade, de acordo com o artigo de Ivani Policarpo:

- Formar o cidadão participante, ativo, consciente do social.
- Formar o “ser humanizado”: o seu lado cognitivo, afetivo, social e moral, capaz de conviver com a diversidade (em todos os sentidos).
- Propiciar o desenvolvimento de habilidades cognitivas para pesquisar, escolher, selecionar informações, criar, desenvolver ideias próprias.
- Preparar o aluno para ingressar no mundo do trabalho, propiciando o desenvolvimento de habilidades gerais, de competências amplas, compatíveis com a versatilidade e a capacidade de ajustar-se a novas situações de trabalho.

Para cumprir essa missão e assumir tais funções, a escola terá de sofrer alterações estruturais e organizacionais, de forma a ganhar maior flexibilidade e maior coerência com a proposta educacional requerida e almejada.

Do mesmo modo o papel do professor terá de ser revisto; deixa de ser o simples transmissor e repassador de um conhecimento já produzido para tornar-se o mediador do conhecimento, o mobilizador de energias, aquele que investiga e aprende junto com os alunos, descobre e favorece o desenvolvimento de talentos, instiga a busca e a descoberta.

Em suma, a tarefa de ensinar, ganha novos contornos, uma vez que o professor não é mais aquele que ensina, mas, sim, viabiliza o processo de aprendizagem dos alunos.

A escola terá que ser vista mais como uma organização construída socialmente, portanto, com ênfase no processo de interação social que aí se desenvolve do que nos aspectos formais que a caracterizam, impondo limites rígidos e intransponíveis.

Ainda que constitua uma unidade dentro de um sistema mais amplo, cada escola terá que ser vista em sua identidade própria, e para tanto necessita de autonomia.

Se a escola é responsável pela formação das novas gerações e estas devem de ser preparadas para participar ativamente da sociedade, não há como negar as demandas provindas desse contexto social.

Ocorre que tais demandas se mostram incompatíveis com a educação existente, pois elas requerem pessoas formadas com características bem distintas daquelas formadas pela escola tradicional. Isso exige como já foi citado anteriormente, mudanças na organização escolar e no trabalho educativo em geral.

Reconhecendo que a aprendizagem é indissociável do processo de ensino, a mediação docente é fundamental para que a escola promova a aquisição de conteúdos significativos que deem ao aluno condições de compreender o seu contexto sócio histórico.

É preciso ter consciência de que as aulas necessariamente precisam ser mais atrativas, e o professor pode e deve inserir em suas atividades docentes diferentes recursos com o propósito de transformar e melhorar qualitativamente o processo de ensino-aprendizagem oportunizando ao aluno possibilidades de participação efetiva no processo.

Porém, a qualidade de ensino não deve estar atrelada simplesmente aos recursos utilizados pelo professor, mas sabe-se, que os recursos são ferramentas que ajudam o professor a ensinar melhor, isso, consiste em um desafio, tornar sua prática mais dinâmica no sentido de conduzir, eficazmente, seu aluno à aprendizagem.

A pretensão de um novo modelo de sociedade não pode acontecer na escola persistir sempre um único modelo de “transmissão de conhecimentos”, formando alunos passivos que devem apresentar um retorno positivo apenas nas avaliações.

É cada vez mais necessário formar uma sociedade com cidadãos críticos e autônomos. Sendo assim, a escola precisa apresentar uma nova forma metodológica e trabalhar buscando meios mais interessantes, que levem o aluno realmente à reflexão e participação.

Enfim, é importante reconhecer que não basta apenas inserir os recursos, acima de tudo é preciso usar de estratégias metodologicamente específicas, para a boa condução das atividades. A utilização adequada e a intencionalidade planejada com que é selecionado este ou àquele recurso é que garantirão a qualidade do processo ensino-aprendizagem.

4. A TV e o vídeo na sala de aula: desafios e perspectivas

Grandes pensadores da educação como, Gadotti, Bourdieu e Durkheim afirmam que a Escola, ao longo de sua existência, conduziu o ensino pautado em três objetivos distintos. Primeiro o de redentora, responsável por grandes transformações individuais e sociais; depois o de reprodutora das desigualdades sociais e da aceitação delas como uma espécie de predestinação; e hoje, numa visão dialética é capaz tanto de reproduzir quanto de transformar ao mesmo tempo.

Como transformadora, a escola que antes se limitava a refletir/discutir temas ligados implicitamente às disciplinas do currículo, agora vê-se invadida por assuntos ligados aos interesses da coletividade, principalmente gerados pelo alto avanço tecnológico usado pelos meios de comunicação de massa.

O ambiente escolar deixa de ser o lugar privilegiado, sacralizado de acesso à informação e ao conhecimento e passa a ser um espaço onde o aprendente desenvolve a capacidade de interrelacionar informações construindo e reconstruindo conhecimentos. (Bacegga, 1997)

Nesse sentido, é importante destacar que o professor como mediador desse processo precisa dominar as habilidades necessárias para empregar o recurso midiático escolhido com êxito. Mas do que ver televisão que é o que todo mundo faz, Cortês (2002) diz que “precisamos formar professores que sejam capazes de ler televisão”. Ler é muito mais que decodificar, ler é dar sentido ao objeto lido, para isso é necessário mobilizar vários conhecimentos construídos ao longo de nossa vida, a nossa bagagem cultural, lembramos uma frase de Freire (2003) para sintetizar o dito, “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.”

Isto é, o professor precisa tomar para si o desafio de ultrapassar as barreiras que surgem com as mudanças ocorridas no contexto escolar com a chegada das mídias, são novos tempos com novas possibilidades de ensino, diante disso é preciso renovar o saber fazer do docente, pois na maioria das vezes nota-se

que o professor não está preparado para atuar nesse novo cenário desenhado pela modernidade. Vejamos o que diz Luckesi (1994):

Em geral, e a não ser numa minoria dos casos, parece que o senso comum é o seguinte: para ser professor no sistema de ensino escolar, basta tomar um certo conteúdo, preparar-se para apresentá-lo ou dirigir o seu estudo, ir para uma sala de aula, tomar conta de uma turma de alunos e efetivar o ritual da docência: apresentação de conteúdos, controle dos alunos, avaliação da aprendizagem, disciplinamento, etc. Ou seja, a atividade de docência tornou-se uma rotina comum, sem que se pergunte se ela implica ou não decisões contínuas, constantes e precisas, a partir de um conhecimento adequado das implicações do processo educativo na sociedade.

Sendo assim, percebe-se o quanto é importante que a escola desenvolva sua função de agente transformadora e o professor permita-se alfabetizar midiaticamente para manter um diálogo crítico entre os recursos televisivos e os conteúdos escolares para formar receptores críticos e conscientes do seu papel na sociedade.

Ou seja, é preciso que o professor assuma um compromisso verdadeiro capaz de integrar as mídias em seu fazer pedagógico, pois na escola (infelizmente) ainda encontramos professores “adormecidos” em relação às novas tecnologias em educação.

Para Moran (1993:360) —Tudo que passa na televisão é educativo. Basta o professor fazer as intervenções certas e proporcionar momentos de debate e reflexão. Entendemos então que a televisão pode ser usada em todas as disciplinas abordando a interdisciplinaridade, pois ela é ampla e não esgota suas possibilidades de uso em sala de aula.

Daí a importância de utilizar a TV enquanto instrumento privilegiado na construção coletiva do conhecimento. De modo que esta prática pedagógica tem como —palco uma concepção inovadora de educação, no sentido de mudar a prática docente. Assim, as mídias possibilitam uma prática participativa, descentralizada, em um espaço de intercâmbio de conhecimentos.

Os desafios são grandes, mas as mudanças têm chegado a cada dia com os cursos de aperfeiçoamento que são ofertados aos docentes com o objetivo de apresentar mecanismos de ensino considerando as mídias na educação. Porém, é fundamental destacar que a presença de aparato tecnológico na sala de aula não garante em si transformações na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve sim servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores. Esta é a maior perspectiva em relação à utilização das mídias dentro de um ambiente educacional.

4.1. Socializando experiências: Análise do uso da TV e do vídeo nas turmas de 4ª série da E. E. Padre Ângelo Biraghi

A TV e o vídeo estão a cada vez mais sendo deixados de lado dentro dos ambientes escolares, em virtude do deslumbramento com o computador e a internet, como se estes, fossem bem mais importantes ao processo educacional nos dias atuais. Porém, vale ressaltar que os meios de comunicação audiovisuais desenvolvem, mesmo que indiretamente um papel relevante na construção do conhecimento.

Diariamente são veiculadas inúmeras informações capazes de influenciar na maneira de se comportar, de falar e de ver o mundo. E como a televisão faz tal interferência de modo despretensioso, é complicado para o professor contrapor a determinada visão com olhar mais crítico, utilizando artifícios abstratos como os que a escola se propõe a fazer.

Pois, a mídia televisiva, em contrapartida com a escola, procura aproximar-se do telespectador tratando de assuntos cotidianos, buscando uma audiência fiel, através da exploração das fantasias, desejos, medos. Ela seduz, e faz com que seus telespectadores passem com extrema facilidade do real para o imaginário.

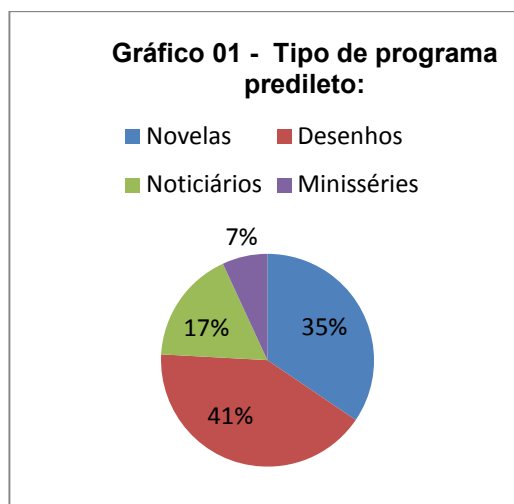
Neste sentido, é interessante observar o que diz Moran em seu artigo sobre a visão dos professores em relação a missão da escola e da televisão:

A TV somente entretém enquanto que a escola educa. Justamente porque a televisão não diz que educa o faz de forma mais competente. Ela domina os códigos de comunicação e os conteúdos significativos para cada grupo: o pesquisar, o aperfeiçoar e o atualizar. (Moran, 2006:89)

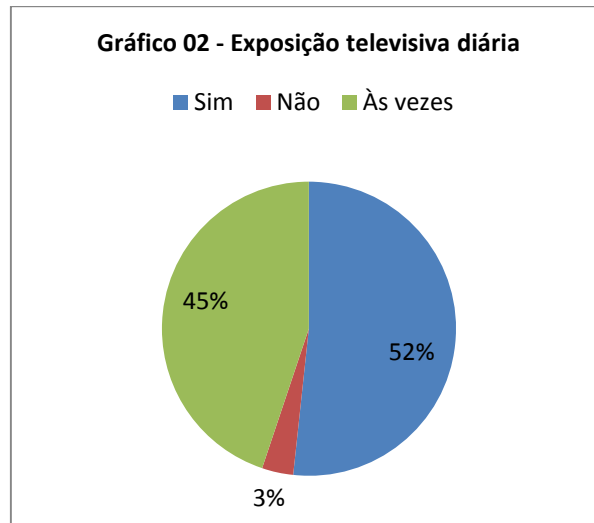
Muitos educadores fazem pequenas adaptações, dão um verniz de modernidade nas suas aulas, mas fundamentalmente continuam prendendo os alunos pela força e os mantêm confinados em espaços barulhentos, sufocantes, apertados e fazendo atividades pouco atraentes. Sendo assim, é importante, buscar uma conscientização dos educadores a se comprometerem frente a este processo evolutivo, pois:

Não é possível pensar na prática docente sem pensar na pessoa do professor e em sua formação, que não se dá apenas durante seu curso nos cursos de formação de professores, mas durante todo o seu caminho profissional, dentro e fora de sala de aula. Antes de tudo, a esse professor devem ser dadas oportunidades de conhecimentos e de reflexão sobre sua identidade pessoal como profissional docente, seus estilos e seus anseios. (Kenski, 2003:48).

Para melhor observar in loco o que foi campo dessa pesquisa, apresentamos a seguir um paralelo entre o exposto e a pesquisa realizada com os alunos da 4ª série do Ensino Fundamental – faixa etária entre 10 e 13 anos - na E. E. Padre Ângelo Biraghi, alertamos para que seja observado nesse resultado a predileção dos alunos entrevistados diante da programação televisiva, conforme apontam os gráficos a seguir:



São os desenhos animados que garantem a princípio a fidelidade das crianças durante as programações televisivas. Embora, alguns deles apresentem cenas não recomendáveis. Essa influência dar-se em virtude da exposição diária das crianças a televisão, conforme se comprova no gráfico a seguir.



Percebe-se o quanto à televisão é relevante e indispensável na vida dos educandos, pois a frequência com que assistem as programações televisivas confirma a crescente necessidade que a escola tem de repensar sua prática educativa adotando a televisão como instrumento pedagógico de relação entre os conteúdos disciplinares e as mensagens televisivas.

Fischer afirma que a televisão,

Na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo (Fischer, 2003:15).

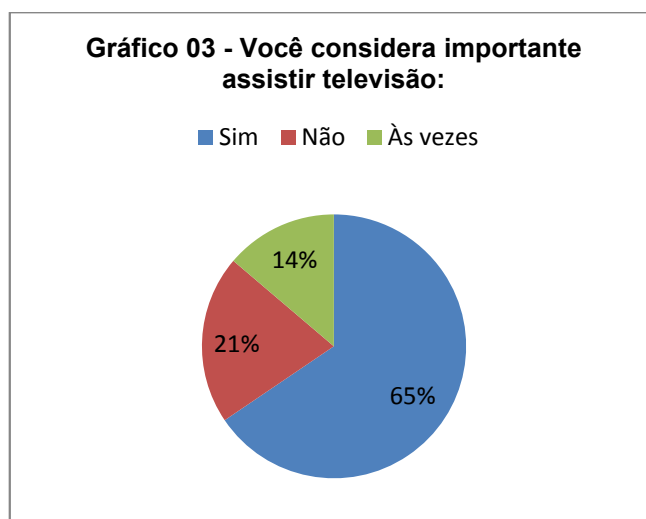
A televisão consome parte importante do nosso dia-a-dia, fazendo com que deixemos de lado um bom bate-papo com a família ou com os amigos e assistamos passivamente suas programações. Na sociedade contemporânea, os pais trabalham fora e quase não têm tempo de educar os filhos, delegam então essa responsabilidade para a televisão, pois os filhos passam parte do dia em casa e o

que lhes resta é a televisão como companhia. Desse modo, deparamo-nos com a seguinte definição.

A TV parece ser mais um meio de incorporação das energias potenciais da criança do que um meio de informação. (...) diante da TV, a criança parece encontrar-se diante de um objeto que vai ser manipulado com a finalidade de um jogo (Pacheco, 1998:48 – 49).

Sem dúvida a televisão já mudou e muito o comportamento dos brasileiros nesses últimos anos, assim como influenciou no comportamento de inúmeras crianças, tornando-as consumidoras de sua publicidade e fiéis a suas programações. “Embora a TV não tenha prioritariamente função educativa, ela integra a totalidade das experiências existenciais da criança, e sem dúvida estabelece padrões de comportamento” (Pacheco, 1998:73).

Os programas televisivos são mais atrativos do que a escola, porque aproximam os educandos da realidade. E, essa aproximação com as programações da televisão, e os conhecimentos obtidos oriundos desse veículo são levados a todos os ambientes sociais, em especial à escola, onde na maioria das vezes não é trabalhado de forma satisfatória pelo professor em sala de aula. Observe o gráfico abaixo que representa a importância da TV na vida dos educandos entrevistados:



A presença desse veículo de comunicação na vida dos educandos consegue fazer com que esses estabeleçam algumas vezes, através de sua

participação em sala de aula, relações entre o conteúdo trabalhando pelo professor e seus conhecimentos construídos por meio da programação televisiva.

Diante desse aspecto, Fischer (2003:13) sugere que a “escola incorpore o material veiculado pela TV (a mídia mais poderosa, sofisticada e abrangente) como possibilidade de conhecimento”.

Vale destacar, que a programação da televisão não permite um diálogo, ou seja, as mensagens procedentes dos anúncios publicitários ou de alguma outra programação são recebidas sem que se estabeleça uma conversação, interferência do receptor ou discussão. Até porque, é reduzido o número de telespectadores que se dão ao trabalho de debater ou criticar determinada programação. Hoje, o que vale é manter-se sempre informado independentemente da forma como a mensagem chega aos nossos ouvidos.

Desta maneira, a televisão transforma-se, mas de forma justificada, em meio eficaz capaz de contribuir para a educação infantil, e acaba sendo para a criança um instrumento cultural de grande relevância.

A televisão é um produto da indústria cultural importante e bastante acessível nos dias atuais, por isso, consegue através de sua expansão perturbar e intrigar seus telespectadores, e principalmente, cativar seu público infantil, tornando-os fiéis as suas programações e adotando slogans de comportamento e modos de falar, por meio dos personagens apresentados nesse veículo de comunicação.

Definitivamente, a televisão instalou-se nos lares como um eletrodoméstico indispensável, como já foi citado anteriormente, influenciando o consumo, o modismo e inculcando valores. Por isso, torna-se cada vez mais difícil viver sem um aparelho televisivo que possa informar e entreter seus telespectadores. “A tevê pode ser vista por vários ângulos: como um fenômeno sociológico, um gênero artístico, uma prestação de serviços, um instrumento único ou um eletrodoméstico (...)” (Rezende, 2002:8).

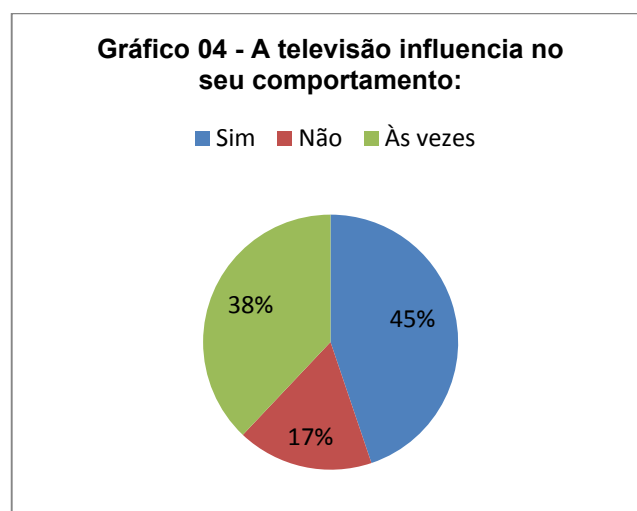
Para as crianças os conteúdos dos programas televisivos procuram apresentar o mundo da fantasia com personagens cativantes e super-heróis, principalmente através de seus desenhos animados, retratando histórias de dominação / subordinação, extasiando passivos telespectadores, pois com a televisão o público receptor não consegue dialogar, apenas absorve as mensagens das suas programações, repletas de efeitos visuais, pois segundo Rezende:

O braço da ideologia dominante tem na tevê um instrumento de suma eficácia. Se é importante, ao aparelho de Estado, manter o entorpecimento da população telespectadora adulta, mais importante ainda é “trabalhar” a população infantil (Rezende, 2002:35).

As crianças expõem-se de modo voluntário aos programas exibidos na televisão, demonstrando gosto e prazer em seu consumo, revelando aprendizagem de conteúdos e atitudes veiculados nesse meio de comunicação tão indispensável. Portanto, sofrem algumas influências.

Pois, segundo os PCNs (1998:142), a televisão oferece uma variedade de informações e em muita quantidade, utilizando basicamente imagens e sons, o que a faz não depender necessariamente da cultura letrada. Desempenha importante papel na sociedade como socializadora de informações, formas linguísticas, modos de vida, opiniões, valores, crenças, que não pode ser desconsiderado pela instituição escolar.

O gráfico abaixo demonstra a influência da televisão nos mais variados modos de comportamento dos alunos dentre eles: o consumismo, moda, violência, atitudes, etc.



Desde a década de 50, quando a televisão oficialmente chegou ao Brasil, a população pode contar com mais um meio de obter informação e entretenimento, pois o maior objetivo da televisão não era substituir o rádio, o cinema ou o jornal impresso, mas sim, somar e aprender com esses já conhecidos veículos de comunicação de massa.

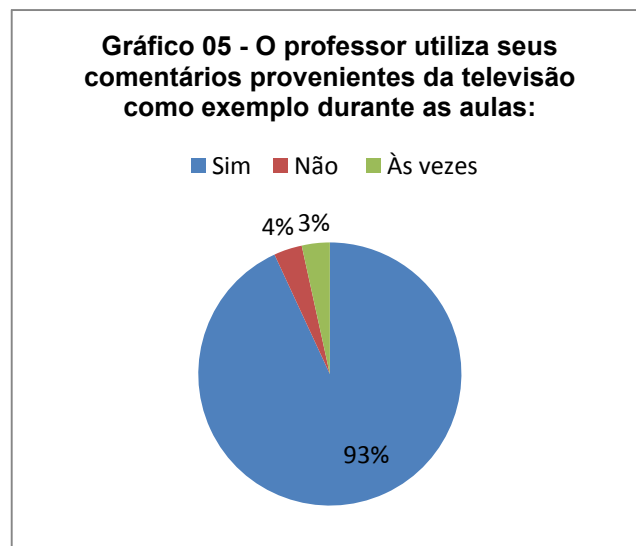
Para Penteadado:

A TV invade o mundo particular de cada pessoa qualquer que seja a localização social a partir da qual é consumida, apontando para realidades que podemos até não ignorar, mas das quais podemos estar cautelosamente afastados pelos padrões, modos de vida, ocupações da classe social a que pertencemos (Penteadado, 2000: 68).

Portanto, a escola, por ser um grupo diferenciado e com vida própria, é responsável em construir conhecimentos junto a seus alunos; e para isso, não pode fechar seus portões e deixar de debater os assuntos expostos nos programas televisivos, pois a televisão e a escola são instituições sociais interligadas, já que os educandos são pessoas comuns dentro de uma sociedade tão desigual e passiva diante dos acontecimentos.

Os sujeitos da escola são telespectadores de muitas horas diárias, que computadas ao longo dos anos de vida indicarão entre os discentes de escolaridade inicial (de 1º grau) maior tempo de exposição à TV do que envolvidos com atividades escolares (aulas e estudos) (Penteadado, 2000: 97).

Somente esse aspecto, já seria suficiente para mostrar a importância em se trabalhar e analisar os conteúdos televisivos na escola. O gráfico a seguir demonstra a utilização dos comentários oriundos da programação televisiva pelo educador.



Embora algumas escolas resistam em adotar a televisão como instrumento pedagógico, torna-se cada vez mais comum, os comentários e questionamentos dos discentes no que tange as informações televisivas, visto que estes ficam expostos a maior parte do dia aos programas veiculados pela televisão, como ficou comprovado no gráfico 02 apresentado anteriormente. O gráfico que será apresentado em seguida elucida que o tempo que as crianças ficam diante da televisão faz com que elas assimilem determinadas informações e utilize-as como exemplo durante as aulas.



Os educandos assistem as programações televisivas frequentemente (gráfico 02), por isso, consideram-nas importantes (gráfico 03). Entretanto, as contribuições para desenvolver atividades em sala de aula provenientes da televisão, nem sempre são trabalhadas de forma adequada, pois os educadores apesar da presença das novas tecnologias na sociedade de maneira geral, ainda não se encontram preparados para utilizá-las como recursos didáticos. Nesse sentido, a seguinte definição sobre a escola é atribuída por Penteadó:

A escola é uma agência social de prestações de serviços que tem por meta a aprendizagem pelo seu corpo discente. Que se pretende que ele aprenda? Modos de falar, padrões de comportamento, modos ou parâmetros de julgamento, informações ou conteúdos, padrões de análise (Penteadó, 2000:98).

A escola pretende ensinar de forma sistemática para orientar seus educandos a desenvolverem atitudes e condutas mais condizentes com o racional. A

televisão, ao contrário, busca uma aproximação com o mundo real e atual, apresentando conteúdos diretamente ligados, o que interfere na vida dos educados. Ou seja, a televisão mesmo não tendo como pretensão ensinar faz isso com a maior facilidade, pois se aproxima da realidade.

Penteado enfatiza que a escola pretende que o aprendizado ocorra através da utilização da linguagem oral, porém prioriza a escrita, já que a oralidade vem sendo, a cada dia, mais desconsiderada nesta instituição de ensino, o que dificulta a compreensão de mundo dos educandos. Tal discrepância pode ser assim definida:

Produzir uma tevê diferente para um uso diferenciado, pedagógico parece-nos uma proposta equivocada, embora tecnologicamente possível. Preferimos partir da tevê comercial e da escola que temos, pois acreditamos que se educar pressupõe íntima relação do ser humano com sua realidade (...) Assegurar a coerência entre a realidade contextual e a educação exclui o artificialismo de situações pedagógicas especialmente produzidas (Rezende, 2002:83).

A escola não considera a televisão como um recurso didático, pois acredita que integrar ao estudo a programação televisiva como conteúdo pedagógico implica desencadear o interesse dos pais, que muitas vezes chegam em casa cansados e indispostos a discutir e questionar a televisão, pois alegam que os filhos já acompanharam a programação televisiva durante toda semana, portando não devem atrapalhar seus merecidos descansos.

Mesmo assim:

Os primeiros contatos da criança ou do adulto com a televisão são caracterizados pela atração curiosa. O som, o foco de luz e as imagens móveis são elementos que interagem como polarizadores da atenção. (...) a ambiência do lar e a relação dos adultos com a tevê induzem a criança, desde tenra idade, a considerá-la como algo importante no seu dia-a-dia. Mesmo antes de aprender a falar, frequentemente, a criança já está diante da tevê (Rezende, 2002: 87).

No momento em que a escola realmente perceber a importância em debater a programação televisiva em sala de aula, será possível desenvolver “olhares críticos” diante das notícias veiculadas na televisão, pois é através dos educandos e dos educadores que a televisão frequenta a escola diariamente.

As programações da televisão são produzidas com o pressuposto de aproximar os educandos, que são antes de tudo telespectadores, de sua realidade. Em contrapartida, a escola ainda desenvolve uma metodologia sistemática, em que a conexão entre as informações provenientes da televisão e os conhecimentos construídos em sala de aula acontece de forma compassada.

Os professores são conscientes da relevância da televisão no dia-a-dia de seus alunos, no entanto, sentem-se “despreparados” para adotá-la como instrumento pedagógico, que contribua no processo ensino-aprendizagem.

É claro que esta mudança didática não é fácil. Não é apenas questão de uma tomada de consciência específica, mas sim exige uma atenção contínua até tornar natural o fato de colocar em questão o que a atividade docente parece óbvia, sua revisão à luz dos resultados da pesquisa educativa. (Carvalho e Perez, 1993:39).

Enfim, a televisão e o vídeo são ótimos recursos para mobilizar os alunos em torno de problemáticas, quando se intenta despertar-lhes o interesse para iniciar estudos sobre determinados temas ou trazer novas perspectivas para investigações. Podendo-se buscar temas que se articulam com os conceitos envolvidos em projetos de estudo, selecionar o que for significativo para esses estudos, aprofundar a compreensão sobre os mesmos, estabelecer articulações com informações provenientes de outras mídias, desenvolver representações diversas que entrelaçam forma e conteúdo nos significados que os alunos atribuem aos temas.

Para isso, o educador precisa sentir vontade de modificar sua prática pedagógica adotando as mídias como ferramentas pedagógicas, em especial a TV e o vídeo que além de presentes nas residências dos educandos, estão também disponíveis nas escolas a espera de sua utilização nas práticas pedagógicas.

Porém, é importante ressaltar que não se pode explorar o vídeo na escola de modo desarticulado e sem propósito. Manuel Moran (1995) em seu artigo intitulado “O Vídeo na Sala de Aula”, destaca alguns pontos críticos do mau uso do vídeo na sala de aula que a seguir sintetizamos para melhor compreensão:

- Vídeo-tapa buraco: colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor.
- Vídeo-enrolação: exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria.
- Vídeo-deslumbramento: o professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passa vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes.
- Vídeo-perfeição: existem professores que questionam todos os vídeos possíveis porque possuem defeitos de informação ou estéticos.
- Só vídeo: não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes.

O mesmo autor apresenta como propostas algumas metodologias de empregabilidade do vídeo em sala de aula que vale a pena conferir, vejamos a seguir o que ele propõe sobre o uso dessa ferramenta:

- Vídeo como SENSIBILIZAÇÃO: o mais importante na escola, pois um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas.
- Vídeo como ILUSTRAÇÃO: vídeo muitas vezes ajuda a mostrar o que se fala em aula, a compor cenários desconhecidos dos alunos. Um vídeo traz para a sala de aula, realidades distantes dos alunos.
- Vídeo como SIMULAÇÃO: é uma ilustração mais sofisticada. O vídeo pode simular experiências de química que seriam perigosas em laboratório ou que exigiriam muito tempo e recursos.
- Vídeo como CONTEÚDO DE ENSINO: vídeo que mostra determinado assunto de forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares.
- Vídeo como PRODUÇÃO: como documentação, registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos.
- Vídeo como INTERVENÇÃO: interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, acrescentando uma nova trilha sonora ou editando

o material de forma compacta ou introduzindo novas cenas com novos significados.

- Vídeo como EXPRESSÃO: como nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens.
- Vídeo como AVALIAÇÃO: dos alunos, do professor, do processo.
- Vídeo ESPELHO: vejo-me na tela para poder compreender-me, para descobrir meu corpo, meus gestos, meus cacoetes.
- Vídeo como INTEGRAÇÃO/SUPORTE de outras mídias:
- Vídeo como suporte da televisão e do cinema. Gravar em vídeo programas importantes da televisão para utilização em aula. Alugar ou comprar filmes de longa metragem, documentários para ampliar o conhecimento de cinema, iniciar os alunos na linguagem audiovisual.

Desta maneira, tais sugestões exigem dos educadores momentos de reflexão quanto a utilização da TV e do vídeo como ferramenta didática que precisa ser bem mais explorada para melhorar o rendimento do aluno, bem como a qualidade da prática educativa do professor.

5. Saberes necessários à educação do futuro

A educação do futuro depende muito dos caminhos que estão sendo percorridos no presente. Por isso, os educadores precisam buscar mecanismos para se prepararem para esta missão, na ânsia de transformar saberes, rever práticas pedagógicas, construir novos métodos de cognição capazes de enfrentar as mudanças que estão ocorrendo em nossa sociedade devido ao grande avanço das novas tecnologias que aos poucos invadem os muros das escolas e exigem dos educadores preparação para incorporá-las em sua prática em sala de aula.

Freud dizia que há três funções impossíveis por definição: educar, governar, psicanalisar. É que são mais que funções ou profissões. O caráter funcional do ensino leva a reduzir o professor ao funcionário. O caráter profissional do ensino leva a reduzir o professor ao especialista. O ensino deve voltar a ser não apenas uma função, uma especialização, uma

profissão, mas também uma tarefa de saúde pública: uma missão. Uma missão de transmissão. (Morin, 2000:101).

Desta forma, faz-se necessário expor de forma resumida e comentar a posição do filósofo e pensador da complexidade Edgar Morin (2000) no que diz respeito aos sete saberes necessários à educação do futuro, que incitam a refletir sobre o papel dos professores na sociedade vigente.

O primeiro está relacionado ao **conhecimento**, que segundo o próprio autor “o conhecimento é sempre uma tradução, seguida de uma reconstrução.” Portanto, o problema do conhecimento não deve ser um problema restrito aos filósofos. É um problema de todos e cada um deve levá-lo em conta desde muito cedo e explorar as possibilidades de erro para ter condições de ver a realidade.

O segundo é que não ensinamos as condições de um **conhecimento pertinente**, isto é, de um conhecimento que não mutila o seu objeto, mas que é capaz de contextualizá-lo.

O terceiro aspecto é a **identidade humana**, que diz que é preciso ensinar a unidade dos três destinos, porque somos indivíduos, mas como indivíduos, somos cada um, um fragmento da sociedade e da espécie *Homo sapiens*, à qual pertencemos. E o importante é que somos uma parte da sociedade, uma parte da espécie, seres desenvolvidos sem os quais a sociedade não existe.

O quarto aspecto é sobre a **compreensão humana**. A grande inimiga da compreensão é a falta de preocupação em ensiná-la. Na realidade, isto está se agravando, já que o individualismo ganha um espaço cada vez maior. Estamos vivendo numa sociedade individualista, que favorece o sentido de responsabilidade individual, que desenvolve o egocentrismo, o egoísmo e que, conseqüentemente, alimenta a autojustificação e a rejeição ao próximo.

O quinto aspecto é a **incerteza**. É necessário mostrar em todos os domínios, sobretudo na história, o surgimento do inesperado. Essa incerteza é uma incitação à coragem. A aventura humana não é previsível, mas o imprevisto não é totalmente desconhecido.

É necessário tomar consciência de que as futuras decisões devem ser tomadas contando com o risco do erro e estabelecer estratégias que possam ser corrigidas no processo da ação, a partir dos imprevistos e das informações que se tem.

O sexto aspecto é a **condição planetária**. É necessário ensinar quem não é suficiente reduzir a um só a complexidade dos problemas importantes do planeta, como a demografia, ou a escassez de alimentos, ou a bomba atômica, ou a ecologia. Os problemas estão todos amarrados uns aos outros.

O último aspecto é o **antropo-ético**, porque os problemas da moral e da ética diferem a depender da cultura e da natureza humana. Porque a democracia é, por princípio, um exercício de controle.

A partir destes, sete saberes, necessários à educação do futuro é possível notar o quanto é fundamental que os atores envolvidos no processo educacional estejam dispostos a aceitar as mudanças que ocorrem frequentemente no cenário da educação. É possível ainda ver se a escola está evoluindo no sentido dessas ideias de Morin. Pois, o que interessa é formar professores para democratizar a cultura e criar indivíduos autônomos em sociedades democráticas.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (Morin, 2000:39).

Perrenoud (2001) deixa claro em seu artigo, que não lhe interessa professores que apenas servem para reproduzir as desigualdades, sendo assim, propõe algumas qualidades esperadas no educador do futuro, no âmbito da socialização e da cidadania:

O professor deve ser uma pessoa confiável e coerente, com quem o aluno possa conversar e que tenha prazer em falar com os jovens. É preciso também ser um mediador entre as culturas e um estimulador de uma comunidade educativa. Além disso, espera-se que esse professor respeite

regras mínimas, representando uma garantia da lei. É preciso, sem ignorar as outras qualidades, respeitar a palavra do outro e trabalhar para organizar uma vida democrática a partir da escola, onde aprendemos a tomar decisões conjuntas. Espera-se também que o profissional da educação seja capaz de transmitir a cultura sem ser entediante, fazendo as pessoas sentirem como parte de uma comunidade que tem história. E por último, o educador deve ser um intelectual, ou seja, um indivíduo que tenha uma relação com o saber e com o debate.

5.1. A práxis do professor diante do novo cenário de construção do saber.

Hoje, os professores se veem diante do que pode ser considerado, ao mesmo tempo, um grande desafio e uma grande oportunidade: utilizar as mídias como meio para construir e difundir conhecimentos, e ainda, para concretizar a necessária mudança de paradigma educacional, centrando seus esforços nos processos de criação, gestão e regulação das situações de aprendizagem. Como afirma Papert (1994:6),

A mesma revolução tecnológica que foi responsável pela forte necessidade de aprender melhor oferece também os meios para adotar ações eficazes. As tecnologias de informação, desde a televisão até os computadores e todas as suas combinações, abrem oportunidades sem precedentes para a ação a fim de melhorar a qualidade do ambiente de aprendizagem, (...)

À medida que as novas tecnologias ganham espaço na escola, o professor passa a se ver diante de inúmeras possibilidades de acesso à informação e de abordagem dos conteúdos, podendo se libertar das tarefas repetitivas e concentrar-se nos aspectos mais relevantes da aprendizagem, porém, torna-se necessário que o professor desenvolva novas habilidades que podem ser adquiridas através de cursos de formação continuada, para mover-se nesse mundo, sendo capaz de analisar os meios à sua disposição e fazer suas escolhas tendo como referencial algo mais que o senso comum. Como afirma Mercado (1999:27):

As novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

Apesar do grande interesse de vários pesquisadores em educação, em destacar a importância da aplicação das novas tecnologias no ambiente escolar, o que se pode perceber é que o professor, elemento de atuação destacada no processo educativo, não utiliza adequadamente as tecnologias que lhes são disponibilizadas, muitas vezes rejeitando completamente o seu uso, chegando a ponto de temer sua substituição por estas tecnologias. Os professores devem ter consciência de que,

A tecnologia é capaz de ajudar o professor, mas não o substitui. Pode ajudá-lo a ensinar melhor e com melhor qualidade. Mas não reduzirá o esforço necessário na sala de aula. Pelo contrário, creio que devemos aumentar o número de professores. (Hawkins, 1995: 61)

A formação inicial, apesar das limitações que lhe são inerentes, deve fornecer ao futuro professor, tanto as condições básicas para que este possa fazer uso dos recursos tecnológicos que lhe são disponibilizados, respeitando a realidade a qual está inserido, quanto os subsídios necessários para que ele possa, ao longo de sua carreira, dar continuidade a sua formação que, em tempos de globalização, deve ser permanente.

Desta forma, considerando-se que o foco desta pesquisa está relacionado à mídia televisiva, vista como uma das mais presentes e influentes nos comportamentos diários da sociedade, em especial dos educandos, é possível afirmar que sua influência de forma indiscriminada na educação da criança é um tema que vem sendo debatido há bastante tempo, por grupos de educadores e pela própria escola que objetiva distanciar cada vez mais seus educandos deste meio de comunicação.

Torna-se cada vez mais difícil à escola ignorar a presença e o poder da televisão, pois a mesma tornou-se ao longo dos anos uma companhia indispensável na vida das crianças, decorrente de muitos pais temerem que seus filhos passem o dia fora de casa brincando na rua, acham perigoso, preferem deixá-los expostos a maior parte do tempo aos programas televisivos. Para Napolitano (2001), a relação escola e linguagem televisiva ora aborda problemas, ora possibilidades, e nesse sentido.

É preciso ter em mente um fenômeno complexo das sociedades contemporâneas: a midiabilidade implica a existência de um campo social dominado pela mídia, sobretudo a mídia eletrônica, catalisando um conjunto de experiências e identidades sociais. Todos nós, alunos ou professores, estamos sujeitos à ação da mídia (Napolitano, 2001:12).

As informações veiculadas pela televisão como forma de aprendizagem acabam tornando-se um grave problema a ser pensado pela própria escola, especialmente quando esta tem como principal objetivo à incorporação do material televisivo como fonte de aprendizagem.

É necessário pensar a grande influência da mídia nos diferentes contextos sociais, respeitando, sobretudo, não apenas suas características alienantes como também compreendendo seus aspectos característicos e assimilando os efeitos de sua interferência no contexto social:

Não se trata de tentar dissipar a influência da mídia na vida das pessoas, mas de explicitar este fenômeno e fornecer alguns pressupostos críticos, valorizando elementos culturais que muitas vezes o aluno já possui. A tarefa primordial da escola, tendo em vista o trabalho com o material da TV, será a de pensar o grau de midiabilidade das suas diversas clientelas e dos indivíduos e grupos sociais envolvidos no trabalho escolar, bem como as diversas formas de recepção dos conteúdos veiculados pela mídia (Napolitano, 2001:13).

Todo aprendizado decorrente do uso da televisão, especialmente na escola, tem um importante reforço que é caracterizado pelo uso de diferentes ícones, onde neles aparece a linguagem sonora, que por sua vez, traduz seus principais aspectos: a fala das imagens e a produção dos sons. A escola precisa manter um eficiente trabalho de observação a respeito dos programas exibidos frequentemente na televisão, tentando relacioná-los cada vez mais com os conteúdos ministrados em sua prática educativa.

Nesse sentido, Fischer afirma que os telespectadores assistem aos programas imersos ao próprio cotidiano, e continua:

Vemos TV dispersivamente, enquanto conversamos e nos movimentamos pelas peças de nossa residência, almoçamos, atendemos ao telefone, recebemos amigos. A linguagem básica da TV funda-se justamente nessa dispersão, e busca de todas as formas respondera ela, de modo especial

pesquisando ritmos, selecionando sons, atores, personagens, produzindo imagens e diálogos, a fim de capturar atenções e emoções (Fischer, 2003:62).

Os mais diferentes aspectos da realidade em nossa sociedade são tratados pela televisão, pois ela consegue atingir as diversas camadas da população e influenciar em sua realidade social. É desta forma que a televisão consegue ocupar um espaço considerável na vida dos educandos, tornando-se um ponto de partida de todas as ações pedagógicas. A mestra em educação Rosa Maria Fischer (2003), assim se refere:

(...) a televisão como recurso de aprendizagem faz sentido e pode tornar-se um elemento realmente significativo no contexto escolar, desde que fiquem bem compreendidos suas funções e seus limites pedagógicos. E, claro, desde que os professores interessados recebam uma preparação consistente para fazê-lo (Fischer, 2003: 112).

Em tais preparos citados pela educadora, os professores precisam demonstrar mais do que conhecimentos específicos e técnicos, devem apresentar criticidade e flexibilidade em seus esclarecimentos sobre a televisão e seu domínio social, procurando relacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula com os apresentados na televisão, mesmo os que não fazem parte do gênero documentário, como por exemplo: os programas de variedades, filmes, novelas, desenhos animados, pois estes também fazem alusão aos conteúdos propostos pela escola e conseguem com maior facilidade atrair a atenção das crianças, pois trabalham visando o entretenimento. De acordo com Ivonaldo Pereira de Lima,

A televisão está ligada intrinsecamente a sala de aula e devemos aproveitar esta vantagem para alavancar nossos alunos rumo a uma educação de qualidade que liberte o homem da opressão. São várias possibilidades do uso da TV em sala de aula, isso depende do norteamento e criatividade do professor junto à turma.

Desta forma, a escola através de seus educadores deve procurar a maior aproximação possível com a realidade de seus educandos, fazendo com que os mesmos aproximem-se dela com interesse semelhante ao qual se disponibilizam diante da programação televisiva. Os educadores não podem fechar os olhos e pensar que os conhecimentos construídos em sala de aula estão livres da interferência televisiva.

Pois, vale ressaltar que o principal objetivo da televisão não é educar, embora consiga cada vez mais cativar seus telespectadores, em especial as crianças, a disponibilizarem parte significativa do seu dia-a-dia aos programas que visam entreter e despertar o interesse pelo consumismo dos produtos apresentados em sua publicidade.

Do ponto de vista pedagógico a televisão pode contribuir para a melhoria do processo educacional. Ela é um dos instrumentos, mas não o único, a ser utilizado no processo de aquisição do conhecimento e de desenvolvimento das habilidades não só do aluno, como também do professor. Com isso, proporciona aos professores e alunos, alternativas de trabalho que possibilita o aprofundamento dos conhecimentos.

Portanto, trabalhar com a televisão é propiciar situações novas de aprendizagem em que o conhecimento previamente construído pelo aluno na escola ou em seu cotidiano familiar e social seja contextualizado com outras formas de ver o mundo.

Estimular a capacidade crítica e não a recepção passiva dos educandos é o ponto de partida dos professores envolvidos e responsáveis pela formação intelectual da criança. A televisão tem a capacidade de cativar e fascinar o público infantil, através do poder persuasivo da linguagem associada à imagem, e,

Entender a televisão como um desafio à escola é tentar lidar com este fenômeno, enquanto educadores, de maneira abrangente, de forma que se aproveitem as vantagens que leva, a colaboração que presta e aquilo que não diz num trabalho que visa favorecer o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos (Penteado, 2000:116).

Educar para um entendimento crítico e objetivo das absorções televisivas é fundamental, visto que a televisão torna-se cada vez mais frequente na rotina de seus telespectadores.

A mestra em educação Fischer (2003:115) descreve a televisão como: “Um fenômeno irreversível poderoso, irradiador de influências, impossível de ser

bem compreendido fora de seu contexto social”. E, portanto, impossível de ignorá-la dentro da prática pedagógica.

Por sua vez, informa os PCNs (1998:40) que a simples presença de novas tecnologias na escola não é por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações. A concepção de ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis — livro didático, giz e lousa, televisão ou computador.

Diante deste aspecto, Freire destaca a necessidade dos educadores criarem as possibilidades para a produção ou construção do conhecimento pelos discentes, num processo em que o professor e o aluno não se reduzem à condição de objeto um do outro. Afirma ainda que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção (Freire, 2003:47), e que o conhecimento precisa ser vivido e testemunhado pelo agente pedagógico.

Sendo assim, com o uso da televisão o professor pode criar situações de aprendizagem com mais qualidade, dando espaço ao novo, gerando conhecimentos e, principalmente ajudando na formação de um sujeito pensante, ativo, participativo e crítico que tenha autonomia em suas escolhas.

Enfim, atualmente, os professores possuem inúmeras possibilidades de desempenhar um trabalho metodológico cada vez mais próximo do real, através dos meios de comunicação. Não se trata de descrever uma fórmula adequada, para a utilização das mídias, em especial da televisão, visto que existem diversas situações possíveis de empregá-la para incrementar a práxis docente. Mas, é preciso que cada um descubra sua prática, pois não existe um aspecto definido para integrar a televisão à prática dos educadores. O que existe são experiências e concepções, que podem subsidiar uma reflexão que origine propostas de formação adequada às necessidades dos educadores e em desenvolver sua metodologia voltada para a televisão, enquanto meio de comunicação.

CONSIDERAÇÕES

No decorrer das investigações, pôde-se perceber que muito ainda se tem a fazer para a melhoria do processo ensino-aprendizagem em sala de aula, pois grande parte dos educadores ainda não estão preparados para assumir papel de mediadores de um processo ensino-aprendizagem voltado para a realidade do educando, e principalmente de adotar a televisão e o vídeo como instrumentos pedagógicos de ensino.

Vale ressaltar, que ser mediador é promover na sala de aula leituras e reflexões sobre os conteúdos assimilados fora do ambiente escolar, explorando possibilidades de aprender e ensinar pela/ com/ para a televisão, ou seja, mediar não é desqualificar o entretenimento, menos ainda a satisfação que os programas televisivos propiciam, mas oferecer aos educandos, alternativas de dominar múltiplos códigos expressivos, através de análises, críticas e seleções, de forma clara, objetiva e sintética.

A televisão é uma companhia onipresente na vida dos educandos, que permanecem durante horas diárias acompanhando suas programações. Portanto, pôde-se notar através desse estudo que as relações entre o conteúdo trabalhado pelo professor e os conhecimentos construídos pelos alunos a partir de uma informação televisiva ocorre frequentemente, o problema está na necessidade do professor de Ensino Fundamental inserir os meios de comunicação, especificamente a televisão e o vídeo na educação escolar. Pois os educandos têm a capacidade de entender e contextualizar a linguagem televisiva ao que está sendo estudado, mas na maioria das vezes depende da orientação do professor.

É importante destacar que a televisão é um dos instrumentos, mas não o único, a ser utilizado no processo de aquisição do conhecimento e de desenvolvimento das habilidades do aluno, como também do professor. O processo atual de ensino-aprendizagem por encaminhar uma variedade de atividades, incluir diferente sujeitos e dispor de vários recursos, pressupõe outros modos de interação.

Tais interações podem ser mediadas pelas atividades entre os sujeitos ou ainda destes com os recursos materiais que apresentam um potencial valioso para estabelecimento de situações comunicativas reais de uso de linguagem televisiva na sala de aula.

Desta maneira, considerando-se a função social da televisão, as interações no processo ensino-aprendizagem não constituem um modismo ou um capricho, mas se revestem de uma importância particular. As atividades criadas a partir da programação televisiva devem sugerir um processo eficaz, sobretudo, constante de interação com o objeto de conhecimento entre os educandos, e destes com o educador e com o meio. Ressalta-se que todas as atividades devem ser inicialmente realizadas e mediadas pela ajuda de um professor que detenha o referido conhecimento, devendo ser realizadas sempre num contexto de situações reais de comunicação.

Portanto, a escola precisa refletir sobre sua prática educativa, com objetivo de contribuir para novas propostas de formação adequada às necessidades dos educadores, assim como, às especificidades e particularidades dos seus contextos pedagógicos, diante da interferência televisiva na formação de seus educandos.

Enfim, trabalhar com a televisão é propiciar situações novas de aprendizagem em que o conhecimento previamente construído pelo aluno na escola ou em seu cotidiano familiar e social seja contextualizado com outras formas de ver o mundo.

REFERÊNCIAS

- BACEGGA, M. A. Educação e Tecnologia: diminuindo as distâncias. In: KUPSTAS, M. (Org.). Comunicação em debate. São Paulo, Moderna, 1997.
- BARSA, **Nova Enciclopédia**. 6. Ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda, V.15, 2002.
- BEZERRA, Edson Alves. **A educação e as novas tecnologias**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3050/1/A-Educacao-E-As-Novas-Tecnologias/pagina1.html>>. Acesso em 17 de maio de 2012.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARLSON, Bruce A. 2002. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/tvno brasil.htm>> acesso em: 12 jun. 2012.
- CARVALHO, A. M. P. e GIL-PÉREZ, D. Formação de professores de ciências. São Paulo: Cortez, 1993.
- CORRÊA, Juliane. "Devemos aplaudir a educação à distância?" **Revista Pátio Pedagógico**. São Paulo: ano V, n. 18, ago/out. 2001, p. 21-24.
- CORTÊS, H. S. A sala de aula como espaço de vida: educação e mídia (O uso pedagógico da televisão).In FERREIRA, L. W. (Org.).Educação E Mídia: O Visível, O Ilusório, A Imagem. Rio Grande do Sul: EDPUC. 2002.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FILHO, Daniel. **O Circo Eletrônico** – Fazendo TV no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: fruir e pensar a TV**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **A importância da arte de ler.** São Paulo: Cortez, 2003.

HAWKINS, Jan. O uso de novas tecnologias na educação. **Revista TB**, Rio de Janeiro, 120:57/70, jan-mar, 1995.

KENSKI, Vani Moreira. **O Ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias.** In VEIGA, Ilma P. Alencastro (org). *Didática: o Ensino e suas relações.* Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** Campinas: Papirus, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 28. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LUCKESI, C. C. *Filosofia da educação.* São Paulo: Cortez, 1994.

MENEZES, Gilda. **Como usar outras linguagens na sala de aula.** 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novastecnologias.** Maceió: EDUFAL, 1999.

MORAN, José Manuel. ***A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.*** Campinas: Papirus, 2007.

_____, José Manuel **Desafios na Comunicação Pessoal.** 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007

_____. A integração das tecnologias na educação. <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/integracao.htm>> Acesso em 19 de maio de 2012.

_____.; MASETTO, M.A.B. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. **A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá.** Campinas, SP: 2007.

_____, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** 7ª ed., Campinas: Papirus, 2003.

- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. Título original: Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur.
- PACHECO, Elza Dias. **Televisão, criança, imaginário e educação**. São Paulo: Papyrus, 1998.
- PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PENTEADO, Heloisa Dupas. **Televisão e Escola: conflito ou cooperação?** - 3ª ed - São Paulo: Cortez, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. Capítulo 8, Utilizar novas tecnologias.
- REIGOTA, Marcos. **A Floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- REZENDE, Ana Lúcia Magela de A. **A Tevê e a criança que te vê**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- RINCÓN, Osmar (org.). **Televisão Pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich – Stiftung, 2002.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Incluir para excluir**. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR Carlos. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.105-118.

APÊNDICE I

Questionário aplicado aos alunos

1) Tipo de programa predileto:

- () Novelas
- () Desenhos
- () Noticiários
- () Minisséries

2) Você costuma assistir televisão diariamente:

- () Sim
- () Não
- () Às vezes

3) Você considera importante assistir televisão:

- () Sim
- () Não
- () Às vezes

4) A televisão contribui para sua educação:

- () Sim
- () Não
- () Às vezes

5) A televisão influencia no seu comportamento:

- () Sim
- () Não
- () Às vezes

6) Você comenta frequentemente seus conhecimentos construídos a partir das programações televisivas:

- () Sim
- () Não
- () Às vezes

7) O professor utiliza seus comentários provenientes da televisão como exemplo durante as aulas:

- () Sim
- () Não
- () Às vezes

8) Seus professores relacionam o conteúdo trabalhado durante a aula com alguma matéria televisiva:

- () Sim
- () Não
- () Às vezes